Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 275
Mês: Janeiro
Ano: 2022
Preço: R$ 5,00

Paulo Niemeyer Filho

Eduardo Giannetti

José Paulo Cavalcanti

Os novos imortais da casa de Machado de Assis

O médico e escritor Paulo Niemeyer Filho é o novo ocupante da Cadeira 12 da Academia Brasileira de Letras, que ficou vaga com a morte do acadêmico e professor Alfredo Bosi. Já o jurista e romancista José Paulo Cavalcanti vai ocupar a cadeira 39 da Casa de Machado no lugar do acadêmico e vice-presidente Marco Maciel. E sob a presidência do acadêmico Merval Pereira, também eleito há pouco tempo para o cargo em uma das eleições mais acirradas da ABL, foi eleito para ocupar a cadeira 2, que pertencia ao filósofo Tarcísio Padilha, o economista Eduardo Giannetti.

(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

JL digital

ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Editorial

Renovação na ABL

Fato raro aconteceu na Academia Brasileira de Letras, com cinco vagas abertas praticamente ao mesmo tempo. No começo do ano, teremos a posse de Fernanda Montenegro, Gilberto Gil, José Paulo Cavalcanti, Paulo Niemeyer Filho e Eduardo Gianetti. Apesar das dificuldades e do pífio incentivo do governo à educação e à cultura, entramos no ano de 2022 com boas expectativas, num momento em que, por iniciativa do professor Carlos Alberto Serpa, abre-se uma nova e importante Academia (a de Cultura), com nomes altamente representativos. Isso significa que a área estará muito movimentada, o que é extremamente saudável. Vamos dar cobertura a todos esses eventos, o que, na verdade, é a missão do **Jornal de Letras.**

O editor.

A nova Diretoria da Academia Brasileira de Letras, eleita no dia 2 de dezembro de 2021, foi empossada administrativamente no dia 9 de dezembro, em sessão ordinária híbrida. A cerimônia oficial de posse será em março, em data ainda a ser definida.
A diretoria eleita está assim constituída (sentido horário) – presidente: Merval Pereira; secretária-geral: Nélida Piñon; primeiro-secretário: Joaquim Falcão; segundo-secretário: Celso Lafer; tesoureiro: Evaldo Cabral de Mello.

Expediente

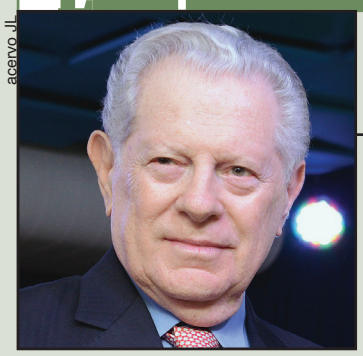
Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião

Arnaldo Niskier



acervo JL

A reinvenção necessária

O tratamento pífio que se dá à educação, em nosso país, alcançou níveis inaceitáveis. Perdemos o Ministério da Cultura, substituído por uma Secretaria Nacional que não diz a que veio. São ações que deixam o mundo cultural com um aspecto sombrio, incompatível com as esperanças que cultivamos. Voltar à existência do Ministério da Cultura, indispensável, para dar maior organicidade ao trato da matéria seria uma primeira e decisiva medida a ser adotada pelas nossas autoridades.

Um segundo movimento é a valorização do que chamamos de "educação artística". Defendemos, com todo ardor, a revivescência dessa disciplina em todos os currículos, como convém. Um bom professor, mais do que nunca, deve ter uma sólida base cultural. Para enfrentar, sobretudo, os questionamentos de um alunado cada vez mais inquieto em suas indagações. A Cultura é um elemento indispensável nessa formação moderna e procriativa.

Em segundo lugar, que venha a implementação de uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, na qual é preciso que explicitamente haja referência à existência da matéria referente à educação artística.

Não é preciso grande esforço para provar essa necessidade. Estamos trabalhando com mais de 40 PECs (emendas constitucionais). Isso provoca uma clara disfunção sistêmica, retirando a necessária organicidade no trato da legislação pedagógica. Uma nova lei é preciso que surja – e com a necessária urgência.

Esses pontos basilares das reformas indispensáveis foram discutidos no recente Seminário "Formação de professores: a reinvenção necessária", promovido junto às comemorações dos 50 anos da Fundação Cesgranrio, presidida com brilho pelo educador Carlos Alberto Serpa.

O professor é o agente educacional básico. É ele quem interage com o aluno quase o tempo todo. Por paradoxo, o magistério, em geral, não recebe a consideração merecida. Quando falamos em ensino híbrido, a ideia é que a modalidade seja mais participativa, sem jamais substituir o professor. O modelo híbrido requer adaptações no currículo, que exigem a colocação em marcha de uma urgente estratégia de redução das desigualdades.

Ainda não podemos ter respostas fechadas de como deverá ser a melhor prática ou metodologia adotada no modelo híbrido. Mas é conclusivo que a travessia do período de crise derivada da pandemia nos leva à certeza de que não se pode voltar a lecionar apenas no modelo tradicional. É urgente reverter o quadro que ceifou o direito ao desenvolvimento pleno de uma geração inteira, anulada pela dificuldade de planejamento público e pela falta de incentivo à cultura e priorização da educação.

"Falam que o tempo apaga tudo. Tempo não apaga, tempo adormece."

Raquel de Queiroz

"O primeiro Natal sem um ente querido representa um marco. É a presença da ausência."

Sandra Niskier Flanzer

Posse na Academia Brasileira de Cultura

Por Manoela Ferrari

A cerimônia de posse dos 50 membros da Academia Brasileira de Cultura aconteceu no último dia 1º de dezembro de 2021, na sede da Fundação Cesgranrio, no Rio Comprido. A mesa da sessão inaugural foi composta pelo presidente da instituição, Carlos Alberto Serpa (também presidente da ABC), junto com o Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, o deputado federal Marcelo Calero, a atriz Christiane Torloni e o imortal da Academia Brasileira de Letras Arnaldo Niskier.

Na solenidade, os acadêmicos foram empossados, receberam os diplomas e fizeram o juramento, com discurso de agradecimento aos seus patronos.

Com o auditório lotado, muito aplaudido, o presidente Carlos Alberto Serpa, referência em educação e cultura no país (além de presidente da ABC e da Fundação Cesgranrio, é diretor da Casa Julieta de Serpa e presidente da Associação Cultural da Arquidiocese do Rio de Janeiro), destacou a importância da união, proteção e incentivo do setor: "Juntos teremos força. Nossos ideais hão de prosperar. E de mãos dadas, mercê da nossa experiência em cada área da cultura, a faremos eternamente presente na vida de nossos conterrâneos, protegendo e incentivando a todos que, como nós, dedicamos nossa vida à Cultura, em suas diferentes formas. Em conjunto, nascemos com forte ideal", afirmou.

O diretor-presidente do JL, acadêmico Arnaldo Niskier, fez uma homenagem ao "Pai da literatura infantil" no Brasil: "Meu patrono, Monteiro Lobato, foi uma inspiração e o responsável pelo meu amor à literatura brasileira e pela cultura do Rio de Janeiro. Tenho muito orgulho de fazer parte desse grupo e espero honrar com minha atuação", afirmou.

A atriz Beth Goulart relembrou suas raízes artísticas e declarou sua esperança em relação ao futuro: "Dando seguimento ao amor à arte de toda minha família, pretendo seguir atuando em prol à cultura brasileira. Espero que os nossos encontros sejam cheios de ideias para erguer a cultura do nosso país. Tenho fé em dias melhores", foram algumas das palavras da filha dos saudosos Nicete Bruno e Paulo Goulart.

O dançarino e coreógrafo Carlinhos de Jesus também não escondia a emoção: "Estou muito emocionado por estar ao lado de Ana Botafogo e Dalal Achcar, referências na minha vida. Tenho a honra de ter, como patrona, Antonieta de Souza, que foi um exemplo de vida para mim e para tantas outras pessoas. Eu divido esse fardão com minha mulher, Raquel, e com minha filha, Tainá, minhas grandes apoiadoras. Contem comigo para enaltecer a dança popular", prometeu um dos representantes da "Dança Contemporânea".

O estilista Carlos Tufvesson homenageou sua herança genética: "É uma honra ter, como patrona, Mena Fiala, uma estilista conhecida pela sua perfeição. Aprendi meu ofício com minha mãe, Gloria Pires Ribeiro, outra estilista fantástica que se dedicou à moda carioca. Em um momento em que o amor à cultura é questionado em nosso país, é de grande importância a criação dessa academia. Estou muito feliz por fazer parte da ABC e poder representar os profissionais da moda nessa casa."

A atriz Christiane Torloni destacou a importância da iniciativa e lançou sua primeira proposta: "Esse é momento especial em que nos reunimos pela cultura, pelo Brasil. Isso me inspira em seguir adiante. O convite para fazer parte dessa academia é um desafio. Ocupar a cadeira da Marília Pera é uma honra indescritível, pois ela deixou em mim uma marca indelével. Estreei em 1979 no teatro, quando ela estreava como diretora. Eu me dedicarei com coragem para lutar pela cultura brasileira. Já aproveito para propor a reabertura do Teatro Villa Lobos."

O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, estava presente. O cardeal arcebispo Dom Orani João Tempesta abençoou a ABC, "respeitando a diversidade religiosa de cada um" e pedindo proteção aos acadêmicos e seus familiares.

Ao final da cerimônia, o hino da Academia Brasileira de Cultura foi executado pela cantora Taty Caldeira, acompanhada pelo maestro Cyrano Salles. Em seguida, a cantora Carla Rizzi e o violinista Willian Isaac apresentaram a aria Habanera da ópera Carmen de Bizet e a música "Deixa a vida me levar", de autoria de Serginho Meriti e Eri do Cais, um marco na carreira do acadêmico Zeca Pagodinho. O cantor se levantou e participou da apresentação: "Vejam aonde o samba chegou", – disse Zeca, emocionado com seu fardão.

Fardão

Confeccionado nas cores vinho e dourado pelo Instituto Zuzu Angel, o fardão dos confrades representa o amor e a riqueza de espírito. A veste é acompanhada por um medalhão criado pelos artistas Welton Moraes e Victor Zott, em que estão representados símbolos brasileiros, tais como: a folha de guaraná (verde), a palmeira (dourado), os bicos de tucano (amarelo e preto) e um pandeiro estilizado (centro e semicírculos em azul).

Membros

Artes Plásticas: Gonçalo Ivo, Mário Mariano e Marli Azeredo
Produção Cultural: Marcelo Calero, Ricardo Cravo Albin, Eduardo Barata, Carlos Alberto Serpa de Oliveira, Claudio Magnavita, Leandro Bellini e Myrian Dauelsberg
Música Clássica: Isaac Karabtchevsky e Carol Murta Ribeiro
Canto Lírico: Fernando Portari
Moda: Hildegard Angel, Elizabeth Serpa, Margareth Padilha e Carlos Tufvesson
Atrizes: Jacqueline Laurence, Lilia Cabral, Christiane Torloni, Rosa Maria Murtinho e Beth Goulart
Religiosos: Cardeal arcebispo Dom Orani João Tempesta O. Cist.
Atores: Stepan Nercessian, Ney Latorraca, Wolf Maya e Eriberto Leão
Música Popular Brasileira: Elza Soares, Zeca Pagodinho e Elba Ramalho
Museologia: Vera Tostes
Literatura: Eva Doris Rosental, Gabriel Chalita, Nélida Piñon, Roberto Halbouti, Arno Wehling, Marcos Vilaça, Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho e Walcyr Carrasco
Poesia: Elisa Lucinda
Apresentador: João Kleber e Fátima Bernardes
Dança Clássica: Ana Botafogo e Dalal Achcar
Dança Contemporânea: Debora Colker e Carlinhos de Jesus
Cinema: Luiz Carlos Barreto e Lucy Barreto
Antiquário: José Newton Cunha

Na mesa da sessão inaugural da ABC, o presidente da instituição, Carlos Alberto Serpa, junto com o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Orani João Tempesta, o deputado federal Marcelo Calero, a atriz Christiane Torloni e o imortal da Academia Brasileira de Letras Arnaldo Niskier.

JL Breves

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ O MINEIRO Edimilson de Almeida Pereira (com o romance *Front*) e a gaúcha Morgana Kretzmann (com *Ao Pó*) foram os vencedores do 14º Prêmio São Paulo de Literatura.

◉ A ADAPTAÇÃO teatral da roteirista Teresa Frota para o romance *Caim* fará parte das atividades programadas pela Fundação José Saramago, no Brasil e em Portugal, em comemoração ao centenário de nascimento do célebre escritor português, Nobel de Literatura em 1998.

◉ A POETA carioca Luiza Mussnich lançou o quinto livro. *Tudo Coisa da Nossa Cabeça* saiu com o selo da Ed. 7Letras.

◉ *ROBERTO CARLOS OUTRA VEZ* (Ed. Record) é o primeiro de dois volumes sobre a história do ídolo da música popular brasileira, contada por Paulo Cesar de Araújo por meio de suas músicas. São 50 capítulos, cada um centrado em uma canção gravada pelo Rei. O segundo volume sairá até o final deste ano.

◉ *MEU CARO CHICO – DEPOIMENTOS* (Ed. Francisco Alves), novo livro do arquiteto e designer pernambucano Augusto Lins, reúne 60 crônicas, ensaios, poemas e comentários em redes sociais em homenagem ao célebre autor de A Banda.

◉ *EM MAIS FORTE – ENTRE LUTAS E CONQUISTAS* (Ed. Objetiva), Luciana Génot, um dos nomes de maior projeção na luta pela igualdade racial no país, percorre as próprias memórias, abordando suas origens, o racismo e o impacto da religião em sua formação.

◉ O ROTEIRISTA Paulo Halm encerrou a parceria com Rosane Svartman e entregou sinopses de projetos solos para a Globo. O autor vai entrar na fila das novelas e séries deste ano.

◉ ESCRITOR contemporâneo de ficção mais importante de Cuba, vencedor do Prêmio Princesa de Astúrias de Literatura (o Nobel da língua espanhola), em 2015, Leonardo Padura lançou, no Brasil, *Como Poeira ao Vento*, pela Editora Boitempo.

◉ VOLTADO PARA crianças e adolescentes, *Um Rasante na Beleza Carioca* (Ed. Passarinho) passeia pelos mais belos recantos da cidade, com texto de Carlos Fernando Galvão e ilustrações de Maurício Planel.

◉ *A CULINÁRIA CAIPIRA DA PAULISTÂNIA*, escrito em parceria pelo pesquisador Carlos Alberto Dória e o chef Marcelo Corrêa Bastos, ganhou nova edição da Editora Fósforo, acompanhada de quase 300 receitas.

◉ INCLUINDO DESDE os primeiros registros fonográficos da palavra, Luiz Antônio Simas se propõe a contar a história do país à luz da umbanda, na obra *Umbandas – Uma história do Brasil*, lançado pela Editora Civilização Brasileira.

◉ EM *O que Fazem os Artistas*, o americano Leonard Korem discute a criação artística a partir da análise de sete grandes nomes. A obra tem tradução de Alice San'Anna para a Editora Cobogó.

◉ *MAESTRO*, livro em que o roteirista rubro-negro Maurício Neves narra a história de Júnior, o grande craque do Flamengo, tem ilustrações de Vinicius e Rapha Baggas e prefácio assinado por Arthur Muhlenberg.

◉ HÍBRIDO DE romance e livro de memórias, *Kaput*, do italiano Curzio Malaparte (1898-1957), traça um painel comovente da Europa sob o domínio do nazi-fascismo. Chegou ao Brasil com o selo da Alfaguara, com tradução de Federico Carotti.

◉ DE DRAMAS humanos a sofrimento animal, o sul-africano J.M Coetzee, vencedor do Nobel de Literatura, retomou a personagem Elizabeth Costello em cinco (das sete) narrativas reunidas em *Contos Morais*, publicado pela Companhia das Letras.

◉ *O ÚLTIMO DUELO*, do professor da Universidade da California Eric Jager, especialista em literatura medieval, foi publicado em nova edição, no Brasil, pela Intrínseca.

◉ PUBLICADO originalmente em 1948, *O Amigo Perdido*, considerado a obra-prima da grande dama da literatura holandesa, Hella Haasse, foi traduzido por Daniel Dago para a Editora Rua do Sabão.

◉ EM *Os Motéis e o Poder* (Ed. C&M Livros), os autores Ciça Guedes e Murilo Fiuza de Melo mostram que, durante a ditadura, recursos públicos financiaram espaços simbólicos do sexo livre.

◉ A PARTIR do que chama de "mergulho no baú cibernético", Leo Cunha lançou *De Memes a Memórias* (Editora do Brasil), com ilustrações de Rafael Nobre.

◉ *LIÇÕES DE UM SÉCULO DE VIDA* (Ed. Bertrand Brasil) comemora o 100º aniversário de um dos principais intelectuais franceses do século XX (completados em julho de 2021).

◉ NA ANTOLOGIA *Contos do Axé* (Ed. Maiê), Marcelo Moutinho reúne 18 narrativas que têm como pano de fundo o poder do candomblé e sua presença no cotidiano.

◉ INSPIRADA no clássico da Broadway, *Amor, Sublime Amor* (Ed. Intrínseca), de Irving Shulman, chegou às livrarias 60 anos depois do primeiro filme feito sobre o musical.

◉ NA OBRA *A biografia da Própria Coisa: uma biografia de Clarice Lispector* (Ed. Rocco), Teresa Montero revela documentos inéditos, comprovando que a escritora respondia, de forma estratégica, às cobranças por engajamento.

◉ O PROFESSOR Júlio Diniz, do Departamento de Letras da PUC-Rio, é o organizador da obra *Quanto ao Futuro, Clarice*, lançada pela Bazar do Tempo.

◉ NO LIVRO-REPORTAGEM *João de Deus – O abuso da Fé* (Globo Livros), a jornalista Critina Fibe desconstrói o mito em torno do garimpeiro goiano.

◉ A CONVITE da TV Cultura, o dramaturgo Luís Alberto de Abreu e o diretor Luiz Fernando Carvalho preparam uma série de 16 episódios (com 30 minutos cada) sobre os 200 anos de Independência do Brasil, com estreia prevista para setembro.

◉ *AÇÚCAR QUEIMADO*, da americana de origem indiana Avni Doshi, que faz referência à Antropofagia cultural brasileira, foi indicado ao Booker Prize. Traduzido para 26 idiomas, prestes a virar filme em adaptação da cineasta Deepa Mehta, a obra foi lançada no Brasil pela Editora Dublinense, com tradução de Adriana Lisboa.

◉ PRIMEIRA MULHER transgênero a concorrer ao Womens Prize em ficção, Torey Peter constrói um romance em torno de gênero e identidade, em *Destransição, Baby*, traduzido por Luisa Geisler para a Ed. Tordesilhas.

◉ CHEGOU AO BRASIL, pela Editora Rocco, *Reino Transcendente*, segundo livro da ganesa-americana Yaa Gyasi, sensação literária nos EUA. A autora foi premiada com o American Book Awards e o PEN/Hemingway em seu livro de estreia (*O Caminho de Casa*), em 2016.

◉ TOM JOBIM vai ganhar um novo documentário sobre sua vida e obra. Antônio Carlos Brasileiro Jobim, o Tom, com direção de Miguel Faria Jr., tem lançamento previsto para 2023.

JL Humor

por Jonas Rabinovitch rabinovitch@un.org

DÚVIDAS E RESOLUÇÕES

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Olha a concordância!

Apresentando o jornal matutino, uma belíssima repórter escorregou na concordância, dizendo: "É milhares de visitantes."

A jornalista deveria ter falado: **São** milhares de visitantes... Isso é que se chama "fechar o tempo".

Curiosidade

Cacografia é a escrita errada das palavras, o oposto de ortografia (escrita correta). Procure escrever certo, evite a **cacografia**.

Você precisa saber

Alguns **coletivos**: Cabido – de cônegos (conselheiros dos bispos) / Clero – classe dos sacerdotes / Concílio – de bispos / Conclave – de cardeais / Consistório – de cardeais (sob supervisão do papa, para deliberar sobre interesses da Igreja).

Fleumático ou fleugmático?

"O irmão, durante a discussão com o primo, manteve a fleugma de sempre."

É sempre bom manter a serenidade. A palavra "**fleugma**" consta do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras e do dicionário Houaiss. O dicionário do Aurélio registra apenas **fleuma**. Você decide!

Onipotência

Cada religião pode ad-rogar seus dogmas, mas Deus é o mesmo para todos.

Isso mesmo! O verbo **ad-rogar** está muito bem colocado, significa **adotar**.

Parada geral?

O locutor de uma estação de rádio saiu-se com a seguinte pérola: "Se houver a greve dos caminhoneiros, os postos de combustíveis serão prejudicados."

Preste atenção: nas palavras compostas, nas quais há preposição entre elas, somente a primeira deverá ser pluralizada. O posto de combustível – **os postos de combustível**. O comunicador deveria ter dito: Se houver a greve dos caminhoneiros, os **postos de combustível** serão prejudicados.

Bom conselho

Dona Nilza aconselhou os sobrinhos a obedecer o Código Brasileiro de Trânsito, não dirigindo além da quilometragem determinada nas placas. A senhora acertou duas vezes: deu um bom conselho e acertou no complemento do verbo aconselhar.

Observe: O verbo **aconselhar** pode ser construído com **objeto direto ou indireto de pessoa** (**os** sobrinhos/**aos** sobrinhos).

Ascensão sem exceção

"Rita buscava ascenção social, porque não queria ser uma excessão no grupo."

Cuidado! Ela correu o risco de não ter sucesso. O certo é **ascensão**, com **sc** primeiro e **s** depois e **exceção**, com **x**, **c** e **ç**.

Período correto: "Rita buscava **ascensão** social, porque não queria ser uma **exceção** no grupo."

Cuidado com a crase

"Comprei um carro à álcool."

Atenção! Compre um carro **a** álcool. Álcool é um substantivo masculino e não se usa crase antes de palavra masculina.

Exemplos: "Ele anda a cavalo." Sem crase, pois cavalo é um substantivo masculino.

Curiosidade

Conta-se que o padre Antônio Vieira tinha muitas dificuldades de aprendizagem e pediu a Deus que o ajudasse. Estava rezando quando sentiu um zumbido na cabeça. A partir daí tornou-se brilhante, escrevendo e falando muito bem, o que o celebrizou.

Tornou-se um costume dizer que, quando alguém consegue dominar uma dificuldade e aprender alguma coisa, teve o "estalo do Vieira".

Aposentadoria

"O Sr. Fernando conseguiu um **diferimento** do prazo para a quitação dos seus débitos para com a Previdência Social, e só depois o **deferimento** da sua aposentadoria."

Muito bem! O senhor mereceu a aposentadoria, pois usou as palavras **diferimento** e **deferimento**, adequadamente.

Preste atenção:

diferimento – adiamento.

deferimento – aprovação.

Renúncia

"Estava muito doente. O velho cônego abdicou."

O verbo abdicar, nesta situação, é intransitivo, isto é, não precisa de complemento.

Abdicar – renunciar ao cargo ou à dignidade em que estava investido.

Paris é uma festa móvel e deslumbrante

Por Diego Mendes Sousa*

Há sessenta anos, Ernest Miller Hemingway dobrava os sinos da literatura e da história. Em dois de julho, sob o signo de Câncer, o lendário escritor usurpou anos de sua vida com a mesma coragem com que viveu.

A intensidade dessa existência é recontada em *Hemingway e Paris: um caso de amor* (Editora Gryphus, 2021, segunda edição), um livro "mui" particular de Benjamim Santos, fluente narrador, visceral conhecedor da alma e do estilo parisienses e o mais profundo legatário brasileiro da cosmovisão de Hem, como carinhosamente elege Ernest nesta bela, vasta e rica evocação sobre o fértil e o singular amor que permaneceu registrado na mobilidade do tempo entre Hemingway e Paris, em romances, contos, reportagens, missivas e nas memórias contidas em *Paris é uma Festa*, que aborda a sua juventude na Ville-Lumière.

Paris, cidade cuja ambiência exalta, em si, charme, grandiosidade, cultura, arte e beleza. Terá Hem aprendido a amar com os parisienses? Paname, que possui o símbolo mágico para os amantes, misticamente uma urbe contempladora da sedução. Paris do encantamento e dos parigots, mas também uma capital metafórica e misteriosa na vida de Hem.

Hemingway é cultuado por sua trajetória mítica. Desde a infância era afeito às armas, às caçadas de animais silvestres, ao boxe, à pesca e amava gatos. Possuía porte físico de homem resistente e valente, que apreciava uma boa bebida com álcool.

Hem fez a vida como jornalista profissional e, sobretudo, como escritor: contista, romancista e poeta.

Seus livros jamais saíram de catálogo no mundo inteiro, sendo um best-seller com *O velho e o mar* (Prêmio Pulitzer, de 1953, que lhe rendeu também o Nobel de Literatura no ano de 1954) e *Paris é uma Festa* (esse vendeu milhares de exemplares em novembro de 2015, quando *une ilustre dame* teve o delicado gesto de colocar um exemplar da obra entre as flores e as velas acesas, na calçada da casa de espetáculos Bataclan, onde noventa pessoas haviam sido mortas pelo atentado terrorista de fundamentalistas islâmicos).

Hemingway está presente, sempre esteve, eis a verdade. Certamente, é o escritor mais amado de todos os tempos e o mais reconhecido e homenageado. É aquele que exerce deslumbramento e move paixões.

É nome de um asteroide, que orbita o sol, o 3656 Hemingway. É um prato gastronômico dos mais pedidos no restaurante La Closeriedes Lilas, o Filé Hemingway. Batiza o bar do Hotel Ritz, o Bar Hemingway.

O Harry's Bar, na romântica cidade italiana de Veneza, faz parte do cenário narrativo de Hem.

Todos os anos, no mês do nascimento e da morte de Hem, em julho, acontece o Festival Hemingway, em Key West, na Flórida, quando é escolhido o sósia do ano pela Sociedade de Sósias de Hemingway.

Hemingway é uma categoria de bêbado, dos mais resistentes, daqueles que não ficam ébrios após ingerirem uma garrafa de uísque.

Seus livros foram incinerados pelos nazistas na Alemanha, em 1933. Alguns lugares que Hem frequentava em Paris, Veneza e Havana tornaram-se pontos turísticos a partir de seus livros.

Benjamim Santos oferece em vinte e um capítulos um mergulho extraordinário e inesquecível pelo universo de Hemingway, através das veias abertas pelo próprio escritor no velho Paris, dentre os anos de 1921 a 1959.

Hem esteve pela primeira vez em Paris na Guerra, em 1918, enquanto a cidade estava sendo bombardeada pelos alemães. Retornou na década de 1920, nos chamados anos loucos, quando Paris se refazia, com centenas de homens feridos e marcados pela guerra, uma geração perdida.

Hem também passou por Paris no entre guerras, com a cidade já apaziguada e já sem aquela multidão de americanos, quando a caminho do continente africano.

Uma vez mais, desembarcou em Paris, nos anos 1940, na festa da Libertação de Paris, quando nascia o Existencialismo, bem como por lá esteve pela última vez na paz dos anos 1950.

A dicção em primeira pessoa confere ao livro intimidade. Mais do que uma biografia entrecortada pelas paisagens seculares de Paris, esta peça é um relicário fiel de impressões, de sentimentos, de exaltações, de leituras e de releituras, de registros sociológicos e hagiológicos.

Benjamim consegue ainda realizar um apanhado historiográfico da própria cultura dos anos vinte, trinta, quarenta e cinquenta do século vinte, com análises comparadas sobre a literatura e sobre a sétima arte.

Esta segunda edição de *Hemingway e Paris – um caso de amor*, ampliada com fotografias e caprichada pelo selo da Gryphus, nesta época em que se registram cronologicamente os sessenta anos da ausência física de Hemingway, é um notável acontecimento que evidencia a elegância e a sutileza das anotações ímpares do flanar de Benjamim Santos sobre o requinte e o esplendor de Paris, com a eternidade e a bravura humana do inesquecível Hemingway.

*Diego Mendes Sousa é poeta e crítico.

JL Entrevista transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.

Gilberto Gil

Imortal

Arnaldo Niskier: Hoje, poderia dizer que se trata de um programa especial, porque se refere a uma figura extraordinária da cultura brasileira, cantor, compositor, homem de letras. Gilberto Gil foi eleito agora para a Academia Brasileira de Letras. O que representa para você a entrada para a Academia Brasileira de Letras?

Gilberto Gil: Ainda há pouco, conversando com um amigo aqui em casa, ele me perguntou: "Qual a maior motivação para sua chegada à Academia, o seu estar lá, a sua vida agora com essa nova dimensão no seu dia a dia?" Disse: "Acho que a coisa mais interessante é encontrar essas pessoas que estão lá, esses homens, essas mulheres, esses criadores. Alguns já estão idosos, como começo a ser agora, outros mais jovens." Então, a grande alegria, a grande satisfação é poder agora privar dessa condição, desse convívio, retomar com muitos de vocês contatos que foram mais vivos, mais intensivos em outras épocas das nossas vidas. Vou reencontrar, na verdade, pessoas que são importantes, que têm um papel na vida da cultura brasileira. Essa é a principal motivação mesmo.

Arnaldo Niskier: Você venceu o escritor Salgado Maranhão, por 21 a 7, foi uma vitória muito bonita e certamente memorável. Agora você vai ter uns três meses para preparar o discurso e colocar o fardão em ordem, demora uns dois, três meses para ser feito. Você está muito emocionado com essa oportunidade?

Gilberto Gil: Tenho a impressão de que tenho que guardar no meu interior um espaço para essa emoção, que vai chegar efetivamente naquele momento dela. Hoje faço questão de não antecipá-la, é uma coisa que temos que guardar para aquela hora, aquele momento que vai chegar daqui a alguns meses. Vou ter a oportunidade de vestir o fardão agora, de verdade. Vesti o fardão fantasia, quando fui fotografado para a capa do meu disco da Tropicália pelo David Zingg, que era um grande fotógrafo, mas agora vou vestir a indumentária oficial.

Arnaldo Niskier: Você é autor de mais de seiscentas músicas na cultura brasileira. Isso é inédito, é um número bastante expressivo. É uma emoção especial chegar a esse número na cultura brasileira?

Gilberto Gil: É uma conta que dá conta de uma acumulação de trabalho, de atenção, de visão, de cuidados com o gosto popular, com a língua brasileira, com o espírito da nação. Tudo isso está no meu trabalho, está nas canções e elas foram se acumulando. São canções de amor, são canções de preto ao sentimento da nacionalidade, são canções ligadas às visões de mundo, aos contrastes entre as visões de mundo.

Arnaldo Niskier: Você fala em língua brasileira, você acaba de voltar de uma vitoriosa excursão em Portugal. Será que eles ficariam felizes de saber que você fala na língua brasileira ou na língua portuguesa?

Gilberto Gil: Um garoto de 10 anos agora, ali ao lado de Cantanhede (pequena cidade portuguesa que dá o nome a uma de nossas queridas repórteres), estava brincando com meu neto que nos acompanhava na excursão. Num determinado momento, ele perguntou ao meu neto, se queria que ele falasse em brasileiro.

Arnaldo Niskier: Na Academia Brasileira de Letras, existe o auditório Raimundo Magalhães Júnior (que tive o privilégio de batizar quando estive na presidência da Casa de Machado de Assis) e você realizou um show memorável nesse auditório. Você tem lembrança desse fato?

Gilberto Gil: Sim, lembro muito bem, já era presidente naquela ocasião o Marcos Vilaça. Reinaugurava-se o teatro, que tinha passado por uma reforma, e houve o convite para que eu lá comparecesse, fizesse uma apresentação, cantasse algumas coisas e fui com muita satisfação. Lembro também que foi nessa ocasião que alguns dos nossos (agora) colegas sugeriram muito levemente a possibilidade de que, em algum momento, eu viesse a pleitear... Essa ideia, esse sentimento de acolhida por parte da Casa de Machado é uma coisa que já vem povoando minha vida, mas aquele foi um momento muito especial, porque foi o primeiro momento que, na verdade, tive um convívio, ainda que breve (por duas ou três horas), mais direto com uma parte significativa do corpo da Academia.

Arnaldo Niskier: Lembro bem, foi um show espetacular, memorável sobre todos os aspectos. Você é muito confundido, às vezes, com Caetano Veloso. Você é uma espécie de irmão em carreira do Caetano Veloso. E agora, como vai ser? Você vai trazer o Caetano para a Academia também?

Gilberto Gil: No sentido da qualidade, do trabalho, da importância do trabalho em todos esses aspectos, do manejo da língua, do manejo do linguajar popular que é típico da canção popular e até em alguns outros, o Caetano deve ter naturalmente uma precedência em relação a mim mesmo. Isso é absolutamente sincero, é uma percepção verdadeira que tenho em relação aos valores, até porque, como você disse antes, somos irmãos.

Arnaldo Niskier: E o Chico Buarque, como é que fica?

Gilberto Gil: Esse é outro que mencionaria. Poderíamos considerar em relação a ele uma precedência no sentido da reunião de todos os méritos para estar numa Casa como a Academia. Como depende da vontade, do impulso, da vontade pessoal de cada um deles, sei que assim como eu tive suaves acenos por parte de alguns acadêmicos lá atrás no sentido de que eu me dispusesse a fazer parte da Casa, eles também já tiveram, tanto o Chico quanto o Caetano.

Arnaldo Niskier: O caso do Chico convém falar aqui. Ele atribui à aversão do pai dele, o escritor Sérgio Buarque de Holanda, à ideia da imortalidade. Como o pai não quis ser da Academia e teria esse direito pela carreira bonita que teve, o Chico diz que não quer, porque o pai não queria. Como lidamos com esse argumento?

Gilberto Gil: Não sei, é algo difícil, de foro absolutamente íntimo, pessoal. É uma grande dificuldade. Como convencer alguém como o Chico com o grande balaio, cesto de méritos que o qualificam indiscutivelmente para ocupar uma cadeira da nossa instituição?

Arnaldo Niskier: Você já imaginou uma Academia que tenha entre seus membros Gilberto Gil, Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, fora os que já estão lá brilhando? Acho que podemos sonhar com essa presença ilustre. Você tem uma carreira internacional. Você acha que, com essa ida para a Academia Brasileira de Letras, pode ativar mais ainda a construção de novas letras para o mundo internacional?

Gilberto Gil: Espero que sim, que o convívio com os poetas, os letristas... Temos o Paulo Coelho, que teve papel importantíssimo na atualização do texto da canção popular com um trabalho indiscutivelmente interessante e outros poetas, como Antonio Cicero, que tem experiência já bastante considerável.

Arnaldo Niskier: Na comemoração da sua vitória, Antonio Cicero era uma das pessoas mais felizes daquela noite. Estava feliz da vida como se fosse vitória dele, pessoal.

Gilberto Gil: É um colega muito próximo, muito íntimo, amigo, quase parente. Ele é de uma família a qual pertence uma das minhas ex-esposas, a Sandra Gadelha, que é aparentada com a família do Cicero. Temos laços de amizade por essa via familiar também e o coleguismo natural da militância na época do tropicalismo, naquele impulso pela renovação do modo de tratar a canção popular no Brasil... Secchin, que é um poeta importantíssimo, o Nejar também importantíssimo. Espero que tenhamos interação nesse sentido, nessa provocação que você fez.

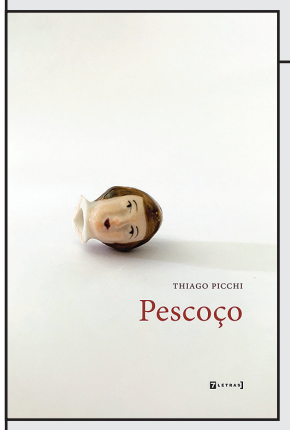
Arnaldo Niskier: Você tem boa lembrança de seu tempo de ministro da Cultura?

Gilberto Gil: Tenho, sim. Primeiro, porque fazíamos parte de um governo que, de certa forma, reativava interesses coletivos no Brasil, estabelecendo uma visão popular, republicana, de democracia, de pluralidade, de diversidade. Nesse contexto de um governo desse tipo, com esse perfil, que fui escolhido ministro da Cultura. Tive, na medida do possível, os recursos mínimos necessários para exercer um trabalho, fiquei ministro mais ou menos seis anos no primeiro mandato. Tivemos oportunidade de estimular o governo e a sociedade brasileira a prestar maior atenção nas transformações tecnológicas que estavam chegando com impacto muito grande no mundo das comunicações, no mundo da criação artística, literária etc. Era o momento em que a internet chegava, a banda larga. Havia necessidade de que o governo investisse na infraestrutura da formação da rede brasileira de internet, através da implantação da banda larga mais extensivamente possível no país. Nós, no Ministério da Cultura, batalhamos fortemente nesse sentido, criamos programas que dotavam comunidades variadas no Brasil inteiro de equipamentos, computadores, que pudessem qualificá-los ao uso intensivo da internet.

Livros e Autores

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

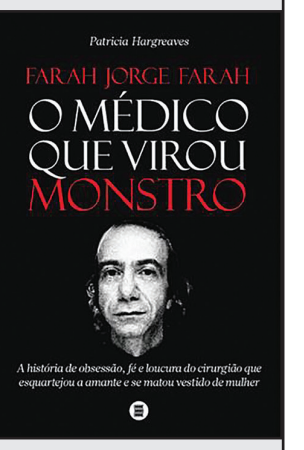
Pescoço



Nos 13 textos reunidos em *O Pescoço* (7 Letras, 2021), o autor Thiago Picchi mescla, com liberdade, a escrita ficcional com outros gêneros literários, permitindo-se experimentações com diferentes formas narrativas. Em Decapitação, por exemplo, elaborado a partir de um fato ocorrido numa universidade, é estabelecida uma linha tênue entre o conto e a crônica. Já em Boxe, cujo personagem central é o pugilista Deontay Leshun Wilder, o relato oscila entre o perfil jornalístico e a peça de ficção. O mais ousado exemplo é o de Blanka, não por acaso o conto mais extenso da coletânea, onde Picchi mescla narrativas fragmentadas que abarcam desde dicas de modelos de carros SUV, passando por manchetes do noticiário a comentários postados por internautas numa rede social.

Thiago Picchi estreou na literatura com *O Papagaio e Outras Músicas* (7 Letras, 2005). A ele seguiram-se o romance *Os Rumores Imprecisos das Conversas Alheias* (2006), *A Arte de Salvar um Casamento* (2013) e *Neste Livro Cabe uma Baleia* (2015). Textos de *O Papagaio e Outras Músicas* inspiraram monólogo homônimo, estrelado por Marcelo Picchi, em 2018. Atualmente, o autor concilia a escrita literária com a preparação de elenco para séries como Eu, a Vó e a Boi (2019), As filhas de Eva (2021) e, mais recentemente, à novela Quanto mais vida, melhor!

O Médico que Virou Monstro



O Médico que Virou Monstro (Máquina de Livros, 2021), de Patricia Hargreaves, conta a história de um crime que teve uma enorme repercussão no início dos anos 2000. O caso do cirurgião Farah Jorge Farah é digno de Nelson Rodrigues. Foi o primeiro crime no Brasil desvendado graças ao Luminol. O médico teve como pacientes algumas pessoas ilustres, como Dona Marisa Letícia, mulher do Lula.

Para relembrar o crime: Farah Jorge Farah matou e esquartejou a ex-amante, Maria do Carmo Alves, foi defendido por Roberto Podval e Antonio Claudio Mariz, dois dos maiores criminalistas do país, que conseguiram um *habeas corpus* assinado por Gilmar Mendes. Catorze anos depois, no dia em que seria preso, Farah se matou ao som de música clássica, com roupas femininas e silicone implantado no peito e nos quadris. Ele havia se transformando em mulher.

Num trabalho minucioso, para escrever a obra, a jornalista Patricia Hargreaves se debruçou sobre as 10.958 páginas do processo, vasculhou documentos e, principalmente, entrevistou parentes, delegados, advogados, legistas e psiquiatras que trabalharam no caso. O resultado é um thriller eletrizante, real, que leva o leitor à cena do crime, penetra na mente do médico e descreve sua transformação de cirurgião respeitado em assassino.

Um Tempo para Não Esquecer

A pneumologista e pesquisadora da Escola Nacional de Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) Margareth Dalcolmo, referência nacional e internacional no campo da medicina e uma das principais vozes da ciência no enfrentamento à Covid-19, lançou *Um Tempo para Não Esquecer* (2021). Publicado pela Editora Bazar do Tempo, a obra trata da visão da ciência no enfrentamento da pandemia do coronavírus e o futuro da saúde.

Desde o início das contaminações pelo novo coronavírus, a autora acompanhou de perto, como médica e pesquisadora especializada, as repercussões clínicas, os efeitos sociais e os esforços da comunidade científica para encontrar vacinas capazes de conter a vertiginosa propagação da Covid-19. Tornou-se referência nacional ao comentar, na grande imprensa, com segurança, lucidez e empatia, os desafios e desdobramentos da pandemia que mudou o curso do planeta.

Os 81 artigos reunidos na coletânea foram escritos semanalmente para o jornal *O Globo*, constituindo uma espécie de diário que documenta a visão da ciência em sua essencial missão humanista, marcando a história "de um tempo para não esquecer". O livro tem prefácio de Domício Proença Filho (ABL), posfácio de J.J. Camargo (ANM) e textos adicionais de Nísia Trindade Lima (Fiocruz) e da acadêmica Nélida Piñon (ABL), que agradece a generosidade e o talento da grande cientista, que "traz-nos de volta os rastros dos saberes acumulados neste livro".

Reminiscências

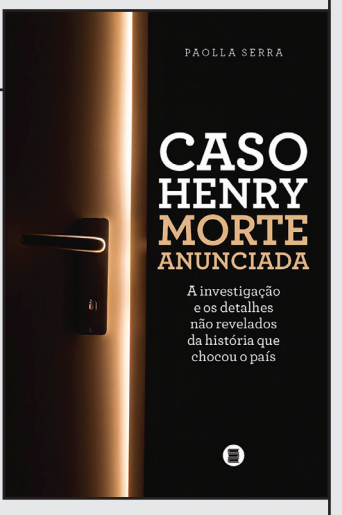
A escolha do título *Reminiscências* (Ed. Formar, 2021) não poderia ser mais adequado para apresentar os registros da trajetória de vida da educadora Maria da Penha Abreu Oliveira. Organizada pela filha Ester Abreu Vieira de Oliveira, a coletânea reúne 30 textos, incluindo imagens do arquivo pessoal da família.

Ao passear pelos escritos, alinhavados com prosa lírica e sensível, obtêm-se o legado precioso de resgate da história da família Vieira Machado, de grande valor para todos os muquienses saberem um pouco mais das origens dos primeiros moradores da então São João de Muqui.

No prefácio, Clóvis Abreu Vieira destaca o olhar atento do mundo que a mãe sempre exerceu: "Nestas reminiscências, ela ressalta as diversas passagens de sua caminhada pela vida, detalhando o seu cotidiano, tudo como uma singela lembrança para tocar o coração das pessoas com as quais repartiu a sua convivência."

A professora e escritora Maria da Penha Abreu Vieira nasceu em Quilombo, distrito de Alto Carangola (Minas Gerais), no dia 09 de setembro de 1909. Organizadora da Cruzadinha de São Tarsísio, em Muqui, onde viveu a maior parte da vida, responsabilizou-se pela alfabetização de inúmeras crianças. Autora do livro *Retalhos de uma Vida*, colaborou com textos para os jornais *A Tribuna* e *O Jornal de Muqui*. Morreu em Vitória, aos 91 anos.

Caso Henry – Morte anunciada



O livro *Caso Henry – Morte anunciada* (Editora Máquina de Livros, 2021) apresenta, com riqueza de detalhes, os bastidores de um crime que chocou o país no ano passado. A trama relata o caso do menino Henry Borel, que chegou à emergência de um hospital do Rio de Janeiro, sem respirar e com o corpo gelado, levado pela mãe Monique Medeiros e pelo padrasto, o vereador Jairinho. A jornalista Paolla Serra jogou luz na história, com máxima atenção aos detalhes e aos relatos que colheu durante a cobertura do caso, sempre checando e rechecando as informações. Sem pré-julgamentos, nem ter uma visão parcial, como reza a cartilha do jornalismo investigativo, o resultado é uma narrativa muito bem alinhavada, com competência e determinação, misturando romances, vaidade, conflitos, dinheiro, poder e, infelizmente, violência.

Foi da autora Paolla Serra a primeira reportagem na imprensa sobre o caso. A jornalista, que também é advogada, acompanhou cada passo da investigação, fez mais de 200 reportagens nos jornais *O Globo* e *Extra*. Para escrever a história, mergulhou em centenas de documentos, vasculhou redes sociais e teve acesso aos mais de 20 mil arquivos de texto, áudio e vídeo recuperados nos celulares de Jairinho e Monique.

Lembranças de um Tempo que Parou

Na coletânea *Lembranças de um Tempo que Parou* (Almub, 2021), as organizadoras Meireluce Fernandes da Silva e Margarida Drumond de Assis reuniram textos produzidos durante o período de distanciamento social, que obrigou a humanidade ao isolamento das atividades, no auge da pandemia de Covid-19.

Os relatos incluem trabalhos acadêmicos e a produção de amigos convidados, em edição comemorativa ao 45º aniversário da Academia de Letras e Música do Brasil.

Na apresentação, a presidente da Almub, Meireluce Fernandes, ressalta que o "conhecimento de cada povo, em todas as esferas, é a chave da paz e do amor, citando os ensinamentos do grande poeta Fernando Pessoa – "Deus quer, o homem sonha, a obra nasce": "É com esta fórmula mágica que nós, poetas, nos reunimos nessa coletânea para compartilhar com os nossos leitores os lampejos provenientes das nossas almas."

No prefácio, a diretora de Letras da Almub recomenda a leitura: "Os leitores encontrarão entretenimento, considerando-se a arte e a beleza dos textos, e verão, também, o retrato de um mundo em situações inusitadas sendo vividas, subitamente."

Meireluce é paraense, professora, escritora, graduada em Letras, mestre em Ciência da Informação pela UnB, Doutora "Honoris Causa" pela mesma universidade. A mineira Margarida Drumond de Assis é escritora, jornalista e professora aposentada, presidente da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil, entre outras instituições.

A menina que espanava os livros do Imperador

Por Vera Lúcia de Oliveira*

Eram três meninas do Brasil: Isabel, Leopoldina e Rosário. Isabel e Leopoldina eram irmãs, nascidas princesas, herdeiras do trono brasileiro. Eram filhas do imperador Dom Pedro II. E havia Rosário, que também era princesa, mas de outros costados, pois era filha e neta de reis africanos. Nasceu na comunidade chamada Pequena África, no Rio de Janeiro. Sem reino, no entanto, porque era escrava das meninas de pele branca e olhos azuis. Rosário era uma menina singular até no nome que termina em o, pouco comum nos nomes femininos no Brasil. Tudo nela era realmente especial. Podemos até chamá-la de menina-prodígio, como veremos adiante.

Rosário é a personagem-narradora de *Rosário, Isabel e Leopoldina – entre sonhos e deveres*, de Margarida Patriota (RJ: Pallas, 2021), livro encantador que em tudo lembra um conto de fadas. Na verdade, é um conto de fadas das princesas do Brasil, Isabel e Leopoldina, que se casarão com príncipes europeus e serão felizes para sempre.

A inteligente Rosário é filha e neta de negros. O avô fora rei na Grande África congolesa; o pai, Tino, na Pequena África, comunidade do Rio de Janeiro reduto de escravizados, na segunda metade do século XIX.

Margarida escreveu uma história encantadora sobre a vida das princesas, da infância à juventude, quando foram destinadas ao casamento. Como contraponto à história das princesas brancas de olhos claros, colocou o ponto de vista no olhar e participação da menina negra e escrava, Rosário. É muito nítida a oposição entre os dois mundos, o das regras e etiquetas rígidas do Palácio de São Cristóvão, residência da Família Real, e o do mundo das festas e cantorias do reduto escravo e da dança chamada capoeira que, após a libertação dos escravos pela princesa Isabel, em 1888, foi criminalizada pelos republicanos da primeira hora. Rosário transita nesses dois mundos desde pequenininha, nos quais se sente igualmente à vontade. Menina precoce, interessa-se por tudo e surpreende o leitor por sua inteligência e discernimento. No palácio, cai nas graças de todos e é encarregada de espanar os livros da biblioteca do imperador, função que a encanta e desafia, não sem antes ter cuidado da limpeza dos urinóis, das bacias de higiene e das escarradeiras. Descobre agora os livros, cresce, torna-se madura e vê a vida com outros olhos.

O livro de Margarida é dirigido ao público em geral, embora, à primeira vista, possa caracterizar-se como infantojuvenil. Mas, repetimos, a leitura prazerosa não tem idade. O aspecto didático fica por conta dos boxes com esclarecimentos sobre fatos, lugares e personagens que povoaram a nossa história, facilitando a compreensão para os mais jovens.

O tema desenvolvido pela autora é muito pertinente e atual, pois fala de segregação, direitos e liberdade. E de bondade, enfatizada pela presença do imperador como governante justo e humano, bem como a das duas princesas que alforriaram os trabalhadores negros, levando-nos a questionar o trabalho escravo, adulto e infantil, que persiste vergonhosamente no Brasil profundo de hoje. E a discussão necessária sobre a escolarização das crianças que, na narrativa, passa em branco, restrita aos privilegiados. Por isso Rosário nos encanta e surpreende ao buscar a própria instrução. Ao espanar os livros, tira também a poeira dos olhos e vê surgir, por meio da palavra, as histórias bonitas de Tristão e Isolda, Dom Quixote e a poesia de Camões, um mundo distante que a faz sonhar e viajar. Não demora que som e letra se juntem e ganhem significação, descortinando novos horizontes de deslumbramento para a pequena Rosário, dando sentido ao seu desejo de ser livre e dona do seu destino. Há entre esses dois universos um abismo, pois, enquanto Isabel e Leopoldina têm o destino traçado, Rosário deverá traçar o seu. Vidas que seguem paralelas e que constituirão a sociedade futura do nosso país.

A multitalentosa e premiada autora Margarida Patriota, que vai do romance à poesia, da tradução impecável de autores ingleses e franceses à literatura infantil, passando pelo ensaio, com trinta livros publicados, traz agora esse pequeno romance delicado que nos leva à reflexão sobre a história do país que, mesmo tendo sido governado por uma família imperial humanista, o saldo é a desigualdade atual, em que as três meninas do Brasil, as três graças, três pequenos corações inocentes que não se misturaram, não tiveram culpa. A culpa está na origem. O que temos nessa história é um retrato metafórico: enquanto as duas princesas posavam para Biard, o pintor francês cheio de erres, a menina negra destronada assistia à cena como cuidadora delas. Não entrou no quadro.

História que cada vez mais precisa ser revista para que todas as meninas do Brasil de hoje saiam juntas, e bem, na foto.

*Vera Lúcia Oliveira é da Academia de Letras do Brasil.

Aprendendo a cozinhar

Por Ana Miranda*

Estou aprendendo a cozinhar a comida do dia a dia. E apaixonada por essa arte. Eu já era cozinheira de fins de semana, fazia um bacalhau à espanhola bem apreciado, e um ou outro prato. Ontem fui fazer o almoço, legumes no forno: no fundo do refratário um pouco de azeite e meias-luas de cebolas. No meio, uma cabeça de alho sem o topo, com as cascas. Em torno, fui arrumando pedaços de berinjela, abobrinha, macaxeira, cenoura, batata, batata-doce, abóbora, banana, pimentões coloridos e cebola em pétalas. Enfeitei com azeitonas abertas, dentes de alho, tudo foi regado com sal, azeite e pimenta do reino, um toque distante de pimenta calabresa. Deixei no forno por uns quarenta minutos, enquanto preparava um suco de maracujás com cenouras e mel, refrescante, misterioso. Para sobremesa, botei numa caçarola umas rodelas de abacaxi cobertas com uvas passas e tirinhas secas de casca de tangerina, deixei no fogo baixo com a panela tampada, e pronto. Delícias! Mas ficava pensando...

Cozinhar, nos dias de hoje, é algo que requer um conhecimento muito além da arte da culinária, do prazer dos sabores, da nutrição. Requer a consciência de viver no mundo. Devo, primeiramente, agradecer a bênção de não estar passando fome como tantas pessoas, em tantos lugares; devo ser comedida, simples e modesta. Reaproveitar tudo o que for possível, pensando sempre em dividir com a humanidade o que existe de alimento.

Devo escolher alimentos que não destroem a natureza nem que me trazem males. Não é difícil saber, está tudo na nossa rede de informações. Os alimentos devem ser na maioria do reino vegetal. Precisam ser da minha região, e devo preferir os da estação. Quanto menos processados, melhor. Devo levar em conta os preços e comprar produtos da minha cidade. Estudiosos dizem que, para se salvar e ao planeta, a humanidade precisa diminuir pela metade as carnes vermelhas e o açúcar na dieta e aumentar quatro vezes as frutas, verduras, castanhas e legumes.

Cientistas passaram a medir o impacto da comida em "pegadas de carbono", ou seja, quanto de carbono é produzido em cada cem gramas da comida no prato. Os melhores alimentos, os que produzem menos carbono, são os vegetais plantados perto de onde vivemos. É bom que os alimentos sejam orgânicos, sobretudo no maltratado Brasil onde a cada dia são liberados mais e mais venenos para serem jogados nos nossos plantios. Devo comer aquilo que não precisou ser transportado em caminhões movidos a gasolina ou a diesel, e ainda menos o que precisou vir de avião por ser perecível.

Analisando o meu almoço: Ah, meu Deus, o meu azeite vem de Portugal... Mas vem de navio, pois tem longa vida. Os legumes e as frutas vieram de Mossoró, vieram de caminhão, mas daqui perto, mas não são orgânicos, mas a água lá é pura. As bananas, da vizinhança. O maracujá é de quintal. O mel é do seu Tatu, nosso mateiro. As cascas de tangerina são aproveitadas.

Está difícil encontrar o equilíbrio no nosso cardápio. O que dá para saber, na hora da escolha, é que os alimentos que fazem mal ao nosso corpo são os mesmos que fazem mal à Terra. E vice-versa.

*Ana Miranda, premiada escritora, Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Ceará, UFC.

Pandemia e pandemônio

Por Ricardo Cravo Albin*

"Cautela, toda cautela – é a palavra de ordem."

A pandemia, de fato, arrefeceu por conta da vacinação intensa nesses últimos quatro meses. Mas um grave surto de influenza lhe sobreveio, acumulado com o aparecimento inesperado da variante ômicron, que a cada semana traz notícias preocupantes. Como o inesperado primeiro óbito anunciado há poucos minutos pelo premier Johnson, do Reino Unido.

Isso me obriga a refletir que o pandemônio está em progressão célere. E por conta de um evento quase inacreditável, também registrado pelos telejornais desta noite de segunda-feira: a falta de organização – e aí o pandemônio se instala subterraneamente – na exigência de fiscalização de passaportes de Covid-19 dos que desembarcarem no Brasil. O fato concreto, como informam especialistas como Margareth Dalcolmo ou Natalia Pasternak é que a variante ômicron aparece com mais de 50 mutações que a distinguem da cepa original, a delta. Estudos feitos há dias apontam duas maneiras de enfrentar esse fantasma assustador. A primeira é cada cidadão correr e tomar a terceira dose das vacinas existentes no país. A segunda, puro delírio de uma noite de verão, é esperar por uma nova vacina específica contra a cepa invasora que se espalha velozmente pelo planeta. Descoberta, por óbvio, que só ocorrerá em alguns (muitos) meses. A esperança seria que a ômicron fosse mais contagiosa embora menos grave, ou seja, a tal gripezinha alcunhada por Bolsonaro ao começo da explosão da delta, que nos levou a mais de 600 mil óbitos nos trágicos últimos 20 meses. Ou quase isso, embora hoje em números cada vez mais decrescentes, o que merece entusiásticos vivas. Eis o fato: a recomendação dos infectologistas indica que o Ministério da Justiça, ou quem administra nossas fronteiras, tome providências imediatas no sentido de barrar com a veemência possível a entrada de pessoas (nativos, ou em especial, estrangeiros) não imunizadas. Venho recebendo intensa correspondência nesse sentido, para esta coluna implorar ao capitão ordens imediatas para fechar fronteiras, em especial as aéreas. O que faço agora com fervor até por estar antecipando a defesa da nossa família e por certo a do presidente. Ou seja, do povo desse país agora em sobressalto, tal como amigos residentes na Europa e nos EUA me relatam, postos em grave ansiedade e insegurança. O óbvio é de fato temerário: tornar o Brasil num destino turístico antivacinas, o país coronavírus *friendly*. Isso me parece uma campanha política às avessas, só para tirar votos do presidente.

De fato, o ano que se encerra em poucos dias está coberto com pesadíssimas nuvens, a anunciada tempestade perfeita de vírus respiratórios chega antes do ansiado 2022. A influenza Darwin/h3N2 se alastra e já lota hospitais de norte a e sul, a partir do caminho aberto pelo relaxamento do uso de máscaras e do distanciamento social. Querem a equação matemática da tragédia já instalada? Fácil, fácil. É só seguir o Instituto Oswaldo Cruz, que testemunha claramente: nos últimos meses, com o avanço da vacinação, os casos de Covid-19 diminuíram muito e as medidas de proteção higiênica foram sendo "esquecidas". Somando a isso, a taxa de vacinação contra a influenza caiu significativamente. O Instituto ainda observa que a população já não aguenta mais tomar tantas e tantas injeções. É verdade. A Fiocruz assegura também que a influenza é uma doença grave e os infectados devem abandonar a ideia simplória de uma "reles gripezinha". Ela ataca os pulmões e pode levar os infectados até ao óbito. Portanto, a Fiocruz se lança à frente em defesa da população e previne: todo cuidado com o réveillon será pouco, e com o Carnaval, então, nem se fala.

A agência insiste naquilo que muitos se recusam a aceitar. A pandemia não acabou, por isso a população e os dirigentes estão pisando em corda bamba. Todos em conjunto devem exercitar cautela e paciência, até porque as grandes celebrações em países infectados são seguidas de grandes contaminações.

*Ricardo Cravo Albin é membro da Academia Carioca de Letras.

Nuvens

Por Raquel Naveira*

Quantas vezes ouvi que eu era distraída, que andava com a cabeça nas nuvens, absorta em estranhos pensamentos. Estou mesmo debaixo das nuvens: algumas altas como cirros de gelo, outras mais baixas, numa arquitetura móvel de ondas levadas pelo vento fraco. De onde vieram, tão confusas e indefinidas? Do oceano? Da serra azulada? De alguma ilha ou fonte? São concretas, quase posso tocá-las, nesta tarde de verão.

Os poetas simbolistas foram chamados de "nefelibatas". Cultivavam o vago, o aéreo, o oculto, o mistério, a ilusão das névoas e dos véus de noiva. Nefele foi uma nuvem mágica à qual Júpiter deu o aspecto da deusa Juno para enganar e punir o rei Ixião, um traidor incorrigível por natureza, que a desejava. Não era mulher, era nuvem em forma de mulher, mas daquela posse abrupta, gerou os centauros, que cavalgaram loucos pelos campos.

O poeta nefelibata foge do mundo para as nuvens que deslizam pelo céu. Talvez por isso Charles Baudelaire (1821-1867), em seu livro póstumo, Le Spleen de Paris, que reuniu movimentos líricos, pequenos poemas em prosa, escreveu em *O Estrangeiro* que não amava pai, mãe, irmã ou irmão, nem amigos, palavra cujo sentido lhe era obscuro; que ignorava a latitude em que estaria situada a sua pátria; que não se rendia à Beleza ou ao dinheiro; que a única coisa que amava eram as nuvens, as nuvens que passavam lá longe, muito longe, maravilhosas. Que incrível a realidade do peregrino que uiva para o infinito; que se recusa ao apego e à ligação com a matéria e foca no anseio de sua alma pela amplidão.

Já o poeta Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) assiste ao espetáculo da falange das nuvens maciças que se avolumam do lado das montanhas de Minas Gerais e afirma: "O poeta é um insubmisso e o mais são nuvens." O poeta nunca se molda à injustiça. Mesmo nos poemas mais românticos existe um substrato social, um inconformismo com a realidade que o cerca. Na opressão, ele se lança no que há de mais imaginoso: a fantasmagoria das nuvens, com suas possibilidades de madrugadas, crepúsculos, tempestades, relâmpagos, arco-íris.

Foi assim com o profeta que viu uma nuvem, do tamanho da mão de um homem, levantando-se do mar e acreditou que viria a chuva, derramada e copiosa. Uma nuvem negra, perfeita para provocar o espanto e o caos.

Às vezes, de tão descuidada que sou, uma nuvem enche a minha casa, o meu ser e habito nela como na própria glória. É tudo rápido e intenso. Se não fosse breve, eu não poderia suportar. Logo ela se afasta e eu choro muito.

Olho para as nuvens. Estão espessas. Vejo um homem sentado nelas com uma coroa de ouro e uma foice afiada nas mãos. Brilha, reluz, mas pode ser efeito do sol. De repente, voa em minha direção. Alguém então me puxa pelos cabelos e diz que eu não ande assim distraída, com a cabeça nas nuvens.

*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.

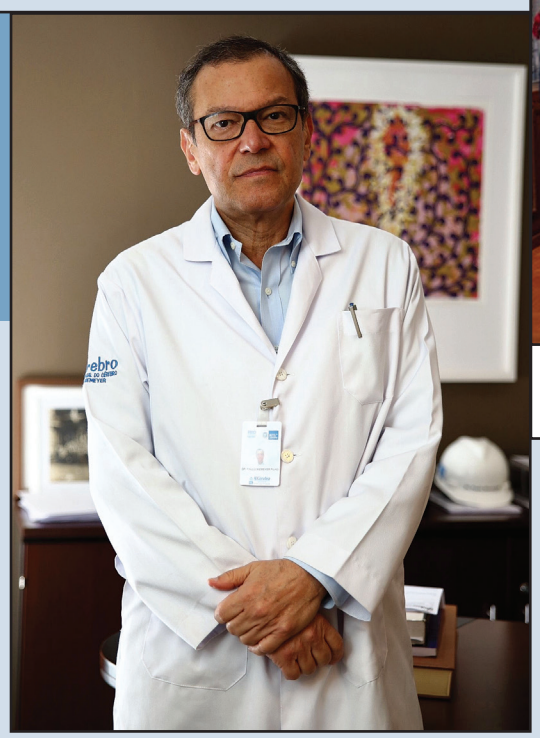
Os novos imortais da casa de Machado de Assis

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Fotos: Michael Félix

O neurocirurgião Paulo Niemeyer é recebido pelos acadêmicos, na Academia Brasileira de Letras, onde passa a ocupar a cadeira 12.

Neurocirurgião Paulo Niemeyer Filho é eleito imortal da ABL



Agente atuante da ciência e da cultura, o médico e escritor Paulo Niemeyer Filho é o novo ocupante da Cadeira 12 da Academia Brasileira de Letras, que ficou vaga com a morte do acadêmico e professor Alfredo Bosi, ocorrido no dia 7 de abril de 2021.

Aos 69 anos, o neurocirurgião é autor de livros de sucesso, como *O que é Ser Médico* e *No Labirinto do Cérebro*. Concorrendo com o escritor Joaquim Branco e o indígena Daniel Munduruku (que seria o primeiro indígena a entrar para o grupo), em sessão híbrida no Petit Trianon, o diretor médico do Instituto Estadual do Cérebro Paulo Niemeyer e membro do Conselho da Fundação do Câncer foi eleito com 25 votos. "Em sintonia com o humanismo e a modernidade, sua presença reafirma o compromisso desta casa com o conhecimento integral, de que ele, Paulo, é mestre consumado", declarou o presidente da ABL, o acadêmico Marco Lucchesi.

Participaram da eleição 34 acadêmicos de forma presencial ou virtual. Os ocupantes anteriores da Cadeira 12 foram: Urbano Duarte (fundador) – que escolheu como patrono França Júnior –, Augusto de Lima, Vítor Viana, José Carlos de Macedo Soares, Abgar Renault e Dom Lucas Moreira Neves.

O novo imortal passará a participar das sessões na ABL, com direito à fala e voto, depois da cerimônia de posse, que será individual, devendo ser realizada no primeiro semestre de 2022.

Biografia

Paulo Niemeyer Filho nasceu no dia 9 de abril de 1952, no Rio de Janeiro. Filho de Paulo Niemeyer Soares e Maria Pia Rafaela Guilhermina Alice Torres Guimarães, graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1975.

Em 1977, foi nomeado Chefe do Serviço de Neuro-Tomografia Computadorizada da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. No ano seguinte, foi contratado como médico Neurocirurgião do Hospital Municipal Souza Aguiar.

Em 1979, introduziu, no Brasil, nova técnica microcirúrgica para tratamento de nevralgia do trigêmio. Ao final de 1979, foi nomeado diretor do Instituto de Neurocirurgia da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro.

Em 1980, após exame de seleção, obteve o título de Especialista em Neurocirurgia, outorgado pela Associação Médica Brasileira e Sociedade Brasileira de Neurocirurgia. Em 1982, foi aprovado em exame de seleção, como membro titular do Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Professor adjunto e coordenador do curso de Pós-Graduação em Neurocirurgia da Fundação Carlos Chagas, em 1983, neste mesmo ano, foi nomeado chefe do serviço de Neurocirurgia da Escola Paulista de Medicina, aprovado pela banca examinadora.

Em 1984, como membro fundador, foi eleito presidente da Sociedade de Neurocirurgia do Rio de Janeiro e membro do Conselho Superior da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Eleito Irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro em 1985, um ano depois passou em primeiro lugar no concurso para professor titular de Neurocirurgia da Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-Rio. Em 1987, foi aprovado como membro internacional da Sociedade Norte-Americana Congress of Neurological Surgeon.

Em 1989, foi eleito membro do Neurotraumatology Committee do Word Federation of Neurological Societies. É vice-diretor da Escola Médica de Pós-Graduação da PUC-Rio, nos biênios 1992-1994 e 1994-1996 e diretor da Escola Médica de Pós-Graduação da mesma instituição, nos biênios 1996-1998 e 1998-2000.

Atualmente, é diretor médico do Instituto Estadual do Cérebro Paulo Niemeyer e membro do Conselho da Fundação do Câncer. Na ocasião de sua candidatura como membro titular da Academia Nacional de Medicina, apresentou memória intitulada "Experiência com a Cirurgia dos Aneurismas Intracranianos da Fossa Posterior".

O jurista José Paulo Cavalcanti entra para a ABL com o Passaporte da Literatura

O quarto de cinco novos imortais escolhidos pela Academia Brasileira de Letras na retomada aos trabalhos, após paralisação devido à pandemia da Covid-19, o jurista e romancista José Paulo Cavalcanti vai ocupar a cadeira 39 da Casa de Machado, a partir deste ano.

Com 21 votos, o novo imortal pernambucano, autor de 18 livros, foi eleito em sessão híbrida, no Petit Trianon, no lugar do acadêmico e vice-presidente Marco Maciel, que morreu no dia 12 de junho deste ano. Após a votação, o presidente da ABL, Marco Lucchesi, procedeu à tradicional queima dos votos e declarou, em comunicado oficial: "José Paulo

Cavalcanti é um renomado estudioso de Fernando Pessoa, tão íntimo e intenso, como se fosse parente espiritual do poeta. Ensaísta e pesquisador refinado, a biografia que ele redigiu sobre Pessoa circula nos quatro cantos da Terra. José Paulo entra para a ABL com o passaporte da literatura. Ou talvez com mais de um documento, se considerarmos os heterônimos de Pessoa, que assombram e iluminam o novo acadêmico eleito."

Participaram da eleição 34 Acadêmicos de forma presencial ou virtual (um não votou por motivo de saúde). Os ocupantes anteriores da cadeira 39 foram: Oliveira Lima (fundador) – que escolheu como patrono Francisco Adolfo de Varnhagen –, Alberto de Faria, Rocha Pombo, Rodolfo Garcia, Elmano Cardim, Otto Lara Resende e Roberto Marinho.

O acadêmico eleito

José Paulo Cavalcanti Filho nasceu no Recife, no dia 21 de maio de 1948. Com trânsito no meio político e jurídico, é advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife (1971). Foi secretário-geral do Ministério da Justiça e ministro (interino) da justiça no governo do ex-presidente José Sarney e presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE), da EBN (depois Empresa Brasil de Comunicação – EBC), e do Conselho de Comunicação Social (órgão do Congresso Nacional). Consultor da Unesco e do Banco Mundial, ocupa, atualmente, a cadeira 27 da Academia Pernambucana de Letras.

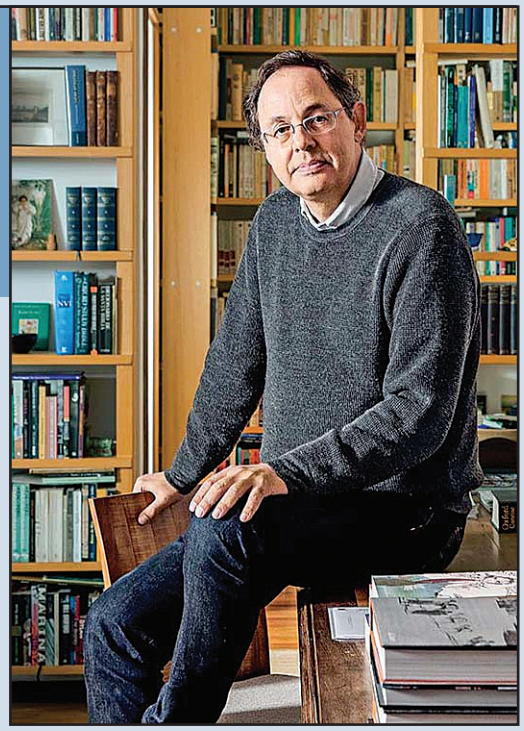
Membro da Ordem dos Advogados do Brasil, diretor do escritório de Advocacia José Paulo Cavalcanti, do Instituto dos Advogados de Pernambuco, e do Instituto dos Advogados Brasileiros, é também membro do Instituto de Direito Comparado Luso Brasileiro, advogado do Instituto Brasileiro de Estudos do Direito, Ministério da Justiça e do Conselho Pernambuco Pacto 21. É consultor da Secretaria da Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, da Secretaria de Ciência e Tecnologia de Pernambuco e do Congresso Nacional.

Romancista com mais de 18 títulos escritos, alguns já publicados no exterior, o novo acadêmico é uma das maiores autoridades brasileiras na obra do português Fernando Pessoa, sendo também o maior colecionador de objetos pessoais do poeta. Em 2012, conquistou o prêmio José Ermírio de Moraes, pelo livro *Fernando Pessoa – Uma quase autobiografia*, além do primeiro lugar na Bienal do Livro e no Prêmio Jabuti. É vencedor do Prêmio II Molinello, na Itália. Recebeu, ainda, premiações na Romênia, Israel, Espanha, França, Holanda, Alemanha, Rússia, Inglaterra e Estados Unidos.

Em entrevista, ao saber de sua eleição para a Casa de Machado, declarou: "Espero contribuir para os dois objetivos mais amplos da ABL, que estão nos estatutos redigidos por Machado de Assis. Primeiro, que é defesa da língua nacional e da cultura. É também a ideia de que você tem a diversidade, você tem que respeitar a diversidade", disse o escritor, completando: "E no fim de tudo é compreender a grande tarefa da Academia que é educação popular. Não tem nada mais moderno, transformador e revolucionário no Brasil do que educação popular, e eu vou fazer o que tiver ao meu alcance para isso."

O Jurista José Paulo Cavalcanti com os acadêmicos Merval Pereira, Arnaldo Niskier e Zuenir Ventura.

O economista Eduardo Giannetti vai ocupar a Cadeira 2 da ABL



Depois das eleições da atriz Fernanda Montenegro, do cantor Gilberto Gil, do neurocirurgião Paulo Niemeyer e do jurista José Paulo Cavalcanti, também entrou para a Academia Brasileira de Letras o economista mineiro Eduardo Giannetti.

Sob a nova presidência do acadêmico Merval Pereira, também eleito há pouco tempo para o cargo administrativo, em uma das eleições mais acirradas da ABL, o Giannetti foi eleito imortal com 18 votos, para ocupar a cadeira 2, que pertencia ao filósofo Tarcísio Padilha. Antes de Tarcício Padilha, ocuparam a cadeira 2: Coelho Neto (fundador), João Neves da Fontoura, João Guimarães Rosa e Mário Palmério.

Em sessão híbrida no Petit Trianon, no Rio de Janeiro, dez concorrentes disputaram a última vaga da ABL, além de Gianetti: Sergio Bermudes, Gabriel Chalita, Samia Macedo, Antônio Hélio da Silva, José Humberto da Silva Henriques, Eloi Angelos Guio D'Aracosia, Jeff Thomas, José William Vavruk, Joana Rodrigues e Alexandre Figueiredo estavam no páreo. Dos 35 acadêmicos aptos a votar, apenas um deles não votou por motivos de saúde.

A eleição foi decidida em dois turnos. No primeiro, Giannetti teve 15 votos, Sergio Bermudes, 11 votos, e Chalita teve oito. No segundo turno, o novo imortal ficou com a vaga após ter sido escolhido por 18 acadêmicos. Nas outras quatro eleições deste ano, todos os eleitos foram escolhidos no primeiro turno.

O eleito

Eduardo Giannetti nasceu em Belo Horizonte, no dia 23 de fevereiro de 1957. É economista, professor, autor e palestrante formado na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), ambas da Universidade de São Paulo. Possui doutorado em Economia pela Universidade de Cambridge (1987). Atualmente é professor da Ibmec Educacional. Foi também professor de economia do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), da FEA-USP (1988-1999) e da Universidade de Cambridge (1984-1987).

Autor de diversos livros e artigos, sendo alguns deles traduzidos para diversos idiomas, foi vencedor por duas vezes do Prêmio Jabuti: o primeiro, em 1994, por *Vícios Privados, Benefícios Públicos?* e o segundo, em 1995, pelo livro *As Partes & O Todo*.

Entre seus outros trabalhos estão os livros *Autoengano* (1997), *O Valor do Amanhã* (2005), *Trópicos Utópicos* (2016) e *O Elogio do Vira-Lata* e *Outros Ensaios* (2018). Foi vencedor do prêmio Economista do Ano, pela Ordem dos Economistas de São Paulo, em 2004.

Giannetti também atua como assessor do partido político Rede Sustentabilidade e foi o responsável por elaborar os planos econômicos de Marina Silva, durante as campanhas presidenciais de 2020, 2014 e 2018.

JL Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Educação e cultura ou morte

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Ao arrumar a estante para o novo ano, encontrei um texto do querido Alcione Araújo (1945-2012) cujo título forte me fez largar a faxina e reviver a voz grossa e o jeito manso do amigo querido, dramaturgo, autor, intelectual brilhante. Um texto de 2002, cuja atualidade nos comove. Ao final, o autor elogia e amplia a esperança nas iniciativas independentes, voltadas para a educação e a cultura, na formação de cidadão, de seres humanos, completos, plenos.

Tomei a liberdade de extrair algumas ideias, que certamente também emocionarão ao leitor.

"Eu sonho com um Brasil no qual a educação e a cultura sejam entendidos como frutos da mesma árvore sagrada do conhecimento.

Cultura é tudo o que foi tocado pela mão e pelo espírito criador do homem.

A educação, que nos aproxima da ciência e da tecnologia, deveria nos aproximar também das artes.

Assim como a racionalidade é indispensável para compreender o homem, sua história e a utilização que faz da natureza, a sensibilidade também é indispensável para abrir as portas da percepção do mundo simbólico, do acesso à produção do imaginário, da subjetividade e das emoções.

Investir na educação e na cultura permite entrarmos, de fato, no século XXI. Porque a cultura começa na escola. Assim, a educação ganha um significado mais profundo e mais amplo, porque vai formar profissionais, cidadãos e seres humanos.

A educação, entendida exclusivamente como formação profissional, abandonando a formação do cidadão e do ser humano, fica reduzida ao papel subalterno de adestramento para a produção, preparação de mão de obra amesquinhada, linha auxiliar de acirramento da já perversa concentração de renda.

Da mesma forma que a cultura não pode resignar-se às migalhas que caem da mesa do poder, interessado apenas na exploração marqueteira dos valores do espírito. A cultura oficial tem sido fachada para a ambição de suntuosas nulidades ou ao narcisismo de obscuros serviçais.

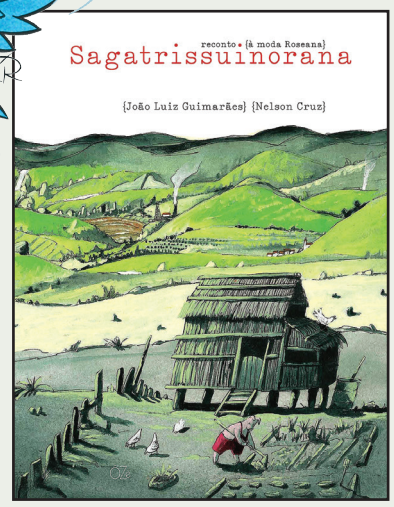
O que dá algum alento é surgirem atores sem outros interesses que não o de contribuir para trazer mais luz aos jovens. Eles beneficiarão todos com um saber transformador da realidade, ao mesmo tempo que serão mais sensíveis, mais humanos e mais profundos – justamente pela percepção do novo mundo, sugerida pela arte e a cultura. Esta é a educação que desvela a arte e descobre a cultura, que gera um homem novo, um novo país. Quero sonhar que esta ideia generosa e transformadora há de se espalhar por aí."

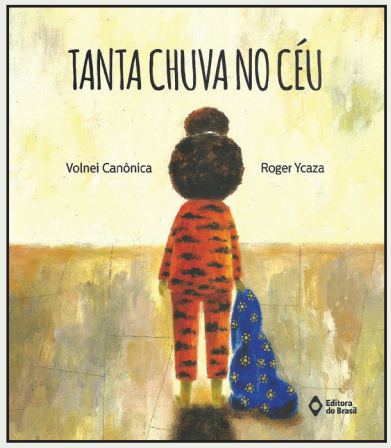
Facev – Campus da Universidade Federal de Viçosa. ARAÚJO, Alcione. In: Pé na estrada. Programa TIM ArtEducação. MG – Grandes Escritores. Belo Horizonte: Sografe, 2002 (nov). p.27-30.

E continuamos teimando e lutando por uma educação de qualidade e o acesso à cultura para sermos um país do século XXI!

Para comemorar o ano que se inicia, cheios de esperança, parabenizamos os premiados na categoria Literatura Infantil da Fundação Biblioteca Nacional: Volnei Canonica, autor, e Roger Ycasa, ilustrador, com a obra *Tanta Chuva no Céu* (Editora do Brasil).

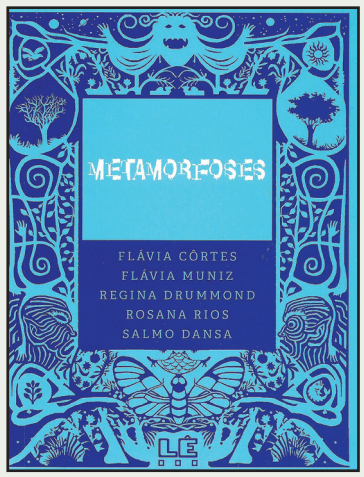
Sagatrissuinorana (Editora ÔZÉ), de João Luis Guimarães e ilustrado por Nelson Cruz (Prêmio de ilustração), recebeu o título de Livro do Ano no Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro - CBL.

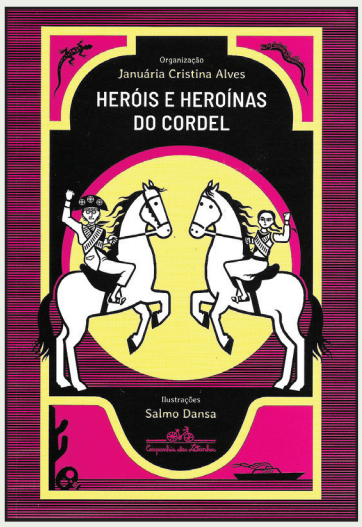




Sugestões de leitura:

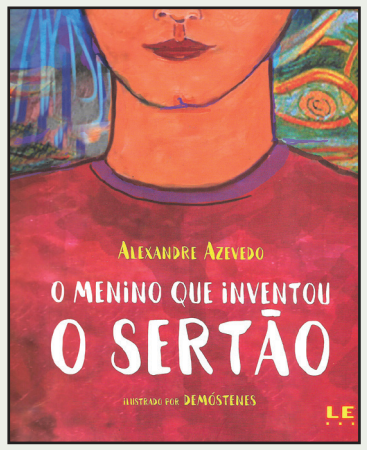
Metamorfoses – Quatro autoras: Flávia Côrtes (Lembranças), Flávia Muniz (Trevas), Regina Drummond (Criatura) e Rosana Rios (Guardião) apresentam contos com a metamorfose dos personagens. As incríveis ilustrações do mágico Salmo Dansa formam flip books com cada uma das histórias e o movimento de folhear as páginas cria o efeito precursor do cinema. Os contos (e desenhos) são de arrepiar! (Editora Lê).





Heróis e Heroínas do Cordel – Organizado por Januária Cristina Alves e com ilustrações de Salmo Dansa (Companhia das Letrinhas), apresenta cinco narrativas de grandes nomes da literatura de cordel selecionadas pela organizadora e ilustradas por Salmo: A história de João Valentão e o dragão de três cabeças, História da imperatriz Porcina, História de Roberto do Diabo, História da donzela Teodora e O verdadeiro romance do herói João de Calais. Heróis e heroínas astutos e inteligentes que superam desafios e contam uma boa história.

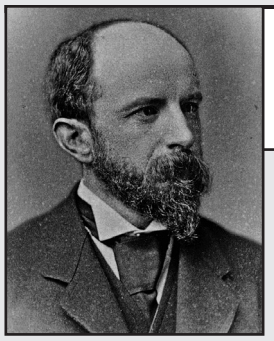
O Menino que Inventou o Sertão – Alexandre Azevedo presta uma linda homenagem ao autor mineiro Guimarães Rosa e Demóstenes ilustra com exuberância as paisagens da sua terra. O texto foi inspirado em frases extraídas de diferentes obras de Guimarães Rosa, listadas ao final. Uma bela e sensível homenagem ao autor e ao seu sertão (Editora Lê).



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

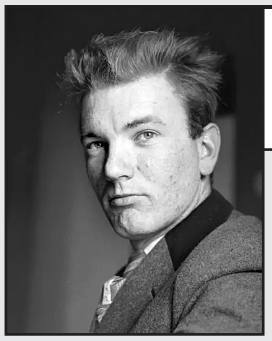
acervo JL



Henry Brooks Adams

(Boston, 16 de fevereiro de 1838 – 27 de março de 1918) Historiador, jornalista e novelista estadunidense e membro da família política dos Adams, descendente de dois presidentes dos Estados Unidos. Como um jovem graduado em Harvard, ele serviu como secretário de seu pai, Charles Francis Adams, embaixador de Abraham Lincoln no Reino Unido. A postagem influenciou o homem mais jovem por meio da experiência da diplomacia do tempo de guerra e da absorção na cultura inglesa, especialmente as obras de John Stuart Mill. Após a Guerra Civil Americana, ele se tornou um jornalista político que entretinha os principais intelectuais da América em suas casas em Washington e Boston. Durante sua vida, ele foi mais conhecido por *A História dos Estados Unidos da América Durante as Administrações de Thomas Jefferson e James Madison*, uma obra de nove volumes, elogiada por seu estilo literário, domínio da evidência documental e profundo (família) conhecimento do período e seus principais personagens. Seu livro de memórias publicado postumamente, *The Education of Henry Adams*, ganhou o Prêmio Pulitzer e foi nomeado pela Modern Library como o melhor livro de não ficção em inglês do século XX. Outras obras: *Life of Albert Gallatin,* 1879; *The Writings of Albert Gallatin* (como editor, três volumes), 1880; *Democracy: An American Novel,* 1882; *John Randolph,* 1919, 1982; *The Letters of Henry Adams,* Volumes 1–3: 1858–1892 (Editado por J.C. Levenson, Ernest Samuels e Charles Vandersee).

acervo JL



Niclass Thomas Bernhard

(Heerlen, Países Baixos, 9 de fevereiro de 1931 — Gmunden, Áustria, 12 de fevereiro de 1989) Escritor austríaco. Estudou na escola elementar em Seekirchen am Wallersee. Em 1946, mudou-se para Salzburgo. Em 1947, deixou o internato Johanneum e começa a trabalhar como aprendiz. Contraiu tuberculose pulmonar, estando de 1949 a 1951 no sanatório *Grafenhof*, onde começou a escrever. Estudou música e teatro no Mozarteum Academy de Salzburgo de 1955 a 1957. Trabalhou como repórter no *Socialist Demokratisches Volksblatt* e contribuiu para o jornal *Die Furche*. Sempre foi considerado um escritor polêmico, mantendo uma relação de amor e ódio com a Áustria. Durante a década de 1950, dedicou-se à poesia. Já na década de 1960, produziu textos teatrais provocadores, como *Die Jagdgesellschaft* (Grupo de Caça), de 1973. Obteve, em 1970, o prêmio George Büchner, a mais importante glória literária da Alemanha. Também obteve, em 1968 e 1969, os dois principais prêmios literários concedidos na Áustria. Morreu aos 58 anos de idade, em sua casa em Gmunden, na Alta Áustria. Sua casa em Ohlsdorf é atualmente um museu. Textos: *Mestres Antigos* [Alte Meister]. *O presidente* [Der Präsident]. *Praça dos Heróis* [Heldenplatz]. *Andar* [Gehen]. *Meus prêmios* [Meine preise]. *O Imitador de Vozes* [Der Stimmenimitator]. *Origem. Extinção. Uma Derrocada* [Auslöschung. Ein Zerfall]. *Perturbação* [Verstörung]. *O Náufrago* [Der Untergeher]. *Árvores Abatidas. Uma Provocação* [Holzfällen. Eine Erregung]. *O Sobrinho de Wittgenstein. Uma Amizade* [Wittgensteins Neffe. Eine Freundschaft].

acervo JL

António Forte Salvado

(Castelo Branco, 20 de fevereiro de 1936) Poeta e escritor português. Além de ser autor de uma extensa obra poética, é também autor de ensaios e antologias, tendo sido a sua obra reconhecida várias vezes com prêmios nacionais e internacionais. António Forte Salvado nasceu a 20 de fevereiro de 1936, no Castelo Branco, na zona antiga desta cidade, mais concretamente na Rua d'Ega. Foi o mais novo de cinco filhos. Desde cedo, interessou-se pela literatura e poesia, tendo publicado o seu primeiro livro aos dezoito anos. Licenciou-se em Filologia Românica na Universidade de Lisboa. Em 6 de fevereiro de 2010, foi agraciado com o grau de Comendador da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada. Por ocasião do 30º aniversário da Universidade da Beira Interior, a mesma atribuiu a António Salvado o grau de Doutor *Honoris Causa*. Vive atualmente em Castelo Branco. Obra poética: *A Flor e a Noite* (1955); *Recôndito* (1959); *Na Margem das Horas* (1960); *Narciso* (1961); *Difícil Passagem* (1962); *Equador Sul* (1963); *Anunciação* (1964); *Cicatriz* (1965); *Jardim do Paço* (1967); *Tropos* (1969); *Face Atlântica* (1972); *Estranha Condição* (1977); *Interior à Luz* (1982); *ANTOlogia* (1985); *La Universidad Pontificia de Salamanca y sus Cátedras de Poética y de Portugués Tienen el Honor des Presentar al Poeta António Salvado* (antologia, 1986); *L'horizon Démasqué (1990)* Poemas traduzidos para francês; *Largas Vias* (2000); *Ravinas* (2004); *Auras do Egeu e de outros mares* (2011); *Sonetos do Interregno* (2013); *Igaedus (2015).*

Incunábulo & Predominância

Por José Eduardo Coelho

Dia Nacional do Livro: 29 de outubro
e aniversário da Biblioteca Nacional

Pictogramas – desenhos e gravuras que representavam formas do mundo na antiguidade; eram sinais gráficos, sem letras, gravados em tabuletas de argila com estiletes de madeira e pontilhas de ossos dos animais nas formatações verticais e horizontais que deram inicio à escrita.

Em seguida, os sábios profetas, com desígnios de Deus, reconheceram a supremacia da criatividade do povo de Egypt (capital Ezbet Zain El-Deen) que usava a escrita cuneiforme (em forma de cunha), após em papirus.

Graças ao desenvolvimento da criatividade, chegou-se à escrita impressa que foi denominada jornal.

No Brasil, o primeiro foi *O Correio Brasiliense*, que circulou de 1808 a 1822; era editado em Londres.

Taquigrafia

Na sequência, já conhecendo os valores de cada letra e silabas, com a técnica aperfeiçoada, foi desenvolvido o sistema de caracteres em abreviaturas especiais, permitindo que se anotem com rapidez os pronunciamentos nas reuniões, confrarias, congressos, e na alta-cúpula dos governantes, assim como os poetas, que, ciosos em não perderem nada de sua oratória, registravam em atas para a história; e temos então o privilégio de ver, ouvir e ler nos centros históricos universalmente. Quando assistimos a documentários televisivos e julgamentos Judiciais, vemos, na fronte da mesa das autoridades, as taquigrafas, que por meio dos sinais codificados, anotam os acontecimentos presentes, fazendo para o futuro um registro oficial, para que, no amanhã, não haja discordância e, sim, um compromisso perante sistemas de todo o país.

Bons taquígrafos captam cento e vinte palavras por minuto ou mais, traduzindo simultaneamente.

Parafernália

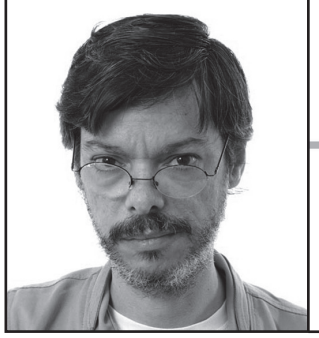
Com o teclado apresentando na íntegra todas as letras, podemos datilografar quesitos na infinidade de gêneros, tanto nos escritórios do mundo, como nas residências da cidade e domicílios do sertão sem eletricidade, longe dos centros urbanos à luz das lamparinas. Haverá sempre o profeta, o poeta, a profetisa e outros escritores a utilizar a máquina datilográfica, liberando os diversos gêneros de leitura para a Humanidade. Quem a tem, muito a ama e não dispõe dessa abençoada e útil parafernália.

Estenodatilografia

O uso agregado da estenografia e a datilografia é o processo da estenodatilografia, baluarte respeitadíssimo nas reuniões dos Tribunais, Parlamentos, Gabinetes Presidenciais, Ministérios, Empresas de alto-porte. As estenodatilógrafas registram todos os verbetes pronunciados na sala de autoridades que apresentam os assuntos em pauta, desde os preâmbulos, discussões sequenciais, até as conclusões coadjuvadas, aprovando e autorizando as resoluções socioeconômicas para o bem estar de todos.

As codificações da Estenodatilografia com sua eficácia suprimem às vezes até seis palavras (faladas) agrupadas; ela não registra o superego do ser humano; isto porque o tom de voz é inferior à rapidez da velocidade do subconsciente.

Utilíssima criatividade. Pena que ainda não tenham criado um gravador que, colocado no cérebro, grave pensamentos de alta relevância para a humanidade.



Desenharte

Por Zé Roberto

zrgrauna@hotmail.com

O eclético Mattias

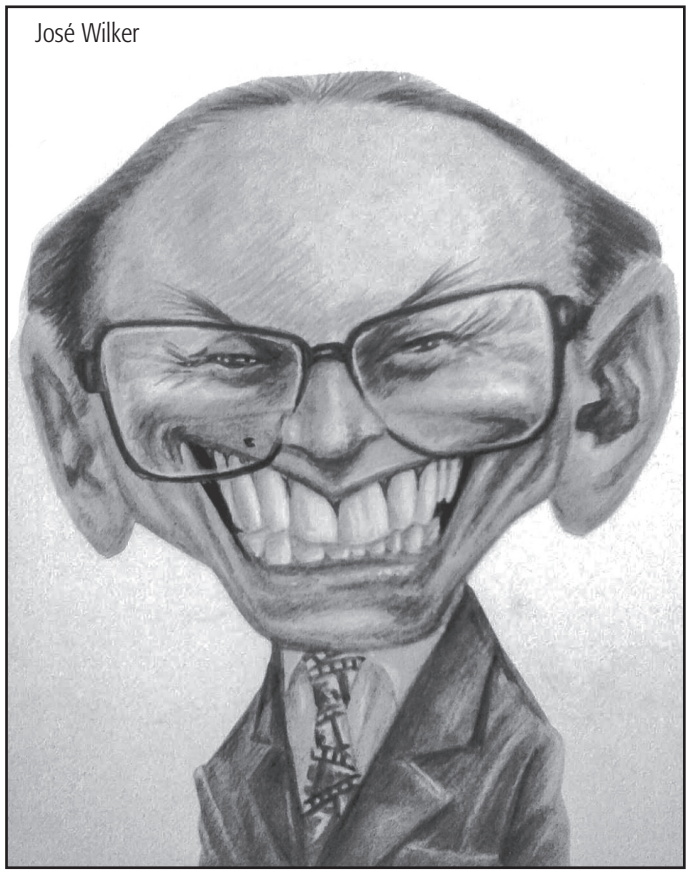
No início dos anos 1990, João Carlos Matias surgiu no Senac de Madureira como um jovem candidato a desenhista de humor. O novato era fã incondicional do cartunista Ique, que na época estourava com suas charges no *Jornal do Brasil* e de quem recebeu claras influências e, anos mais tarde, tornou-se amigo. Em pouco tempo, Mattias (como passou a assinar suas artes), destacou-se naquela escola e passou a frequentar alguns dos salões de humor mais tradicionais do país. Logo na primeira participação, recebeu uma importante premiação no VI Salão Carioca de Humor, da Sala de Cultura Laura Alvim, em 1993, quando o artista emplacou uma caricatura do então presidente da república Itamar Franco, ficando em 3º lugar. A partir daí, Mattias se destacou em outros concursos semelhantes, e, já no ano seguinte, o cartunista foi premiado com o 1º lugar no Concurso Nacional de Charges, evento organizado pela Cultura Inglesa. Em 1995, mais experiente, Mattias voltou ao Salão Carioca de Humor e recebeu 5 prêmios, sendo quatro menções honrosas e um primeiríssimo lugar com uma escultura humorística; e, em 1996, participou do Salão de Humor de Volta Redonda, sendo agraciado com a primeira colocação na categoria Histórias em Quadrinhos, além de ter marcado presença em outros eventos nacionais e internacionais, sendo muitas vezes classificado e premiado. Numa dessas participações internacionais, o artista representou o Brasil no 37th International Cartoon Festival of Knokke-Heist, na Bélgica, em 1998.

O cartunista nasceu em Botafogo no dia 20 de junho de 1972, mas, por bastante tempo, foi morador do bairro Realengo, na Zona Norte do Rio de Janeiro. E foi nesse bairro que Mattias criou o projeto Sorrialengo, quando iniciou suas atividades como educador e incentivador das artes junto a crianças e adolescentes. Com o tempo, o projeto acabou revelando alguns novos artistas, sendo que alguns deles também foram premiados em concursos de desenho. O projeto Sorrialengo encerrou suas atividades em 2015, quando João Mattias transferiu-se para Búzios, mas o cartunista acabou levando a experiência adquirida em Realengo para a nova localidade e criou o projeto Traçando o Futuro, também revelando jovens artistas.

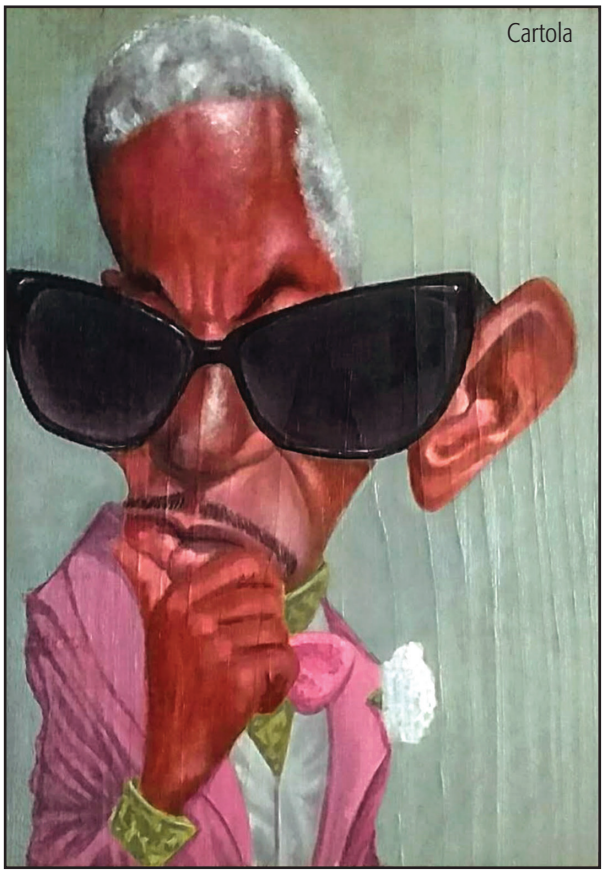
No mercado editorial, o desenhista publicou suas artes nos jornais *O Dia*, *Lance*, *O Povo*, *União* (PB) e *Hoje* (MG), e nas revistas *Ciência Hoje* e *Billboard*. Mattias também atuou com cenografia, trabalhando em produções de cinema, televisão, Carnaval e eventos esportivos. Seu início nessa arte começou em 2010, no filme *Nosso Lar*, de Wagner de Assis. Depois, atuou nas novelas *José do Egito* e *Os 10 Mandamentos*, da Record TV, e na peça teatral *Pluft, o Fantasminha*, de Maria Clara Machado.

Madre Tereza de Calcutá

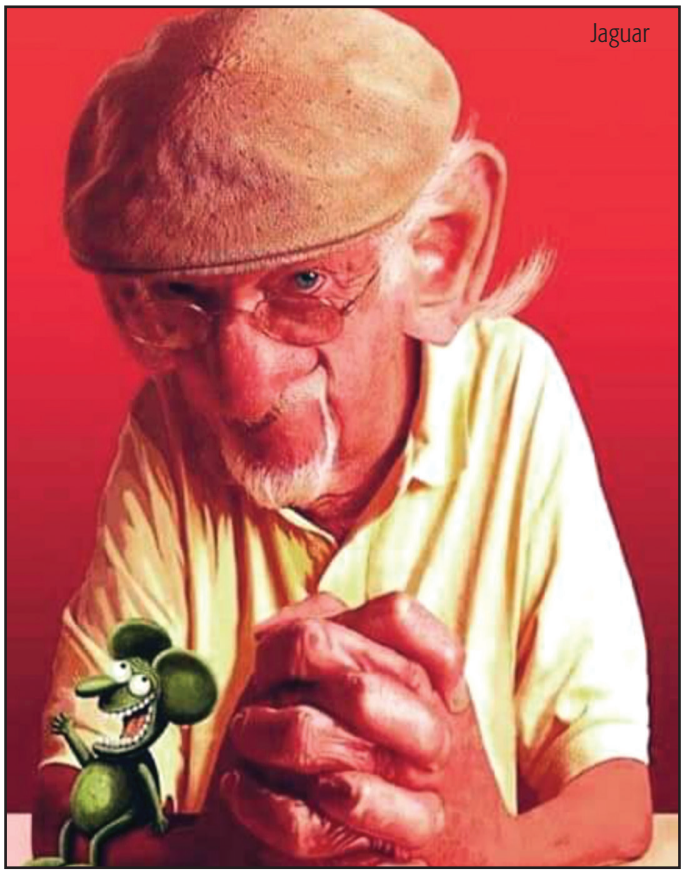
Pai da jovem cartunista Vicky Mattias (premiada no 12º Salãozinho de Humor de Piracicaba, em 2014), João Mattias pode ser visitado na internet, no Facebook (mattiascartoons), Instagram (@mattias_cartoons) e Youtube, no canal Traçando o Futuro. Saúde e Arte!



José Wilker



Cartola



Jaguar

Minas e as raízes do Movimento Modernista Brasileiro

Por Mauro Werkema*

A propósito do centenário da Semana de Arte Moderna, que ocorre no dia 22 de fevereiro de 2022, cabe rever a expressiva participação de Minas Gerais no Movimento Modernista Brasileiro. Esta história começa em 10 de junho de 1919 quando Mário de Andrade vem a Mariana para visitar o poeta mineiro Alphonsus de Guimarães, onde fora juiz municipal e já com fértil obra poética que lhe daria, muito anos mais tarde, o reconhecimento como um dos maiores poetas simbolistas brasileiros. Mário relata que "em Mariana, a Católica, fui encontrá-lo na escuridão de sua sala de trabalho, sozinho e grande" e descreve seu encontro como "uma hora de inesquecível sensação a que vivi com ele". Esta visita trará desdobramentos importantes na história, presença e influência de Minas Gerais no movimento modernista e no estudo, evolução conceitual e preservação da cultura brasileira.

Nesta viagem, Mário de Andrade, que lidera a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo, conhece Ouro Preto e dirá que encontrou, "perdida entre as montanhas de Minas" e preservada, uma "cidade histórica, artística e cívica". Em Ouro Preto e cidades históricas mineiras, o movimento modernista identificará os elementos de uma "autêntica arte brasileira", com uma "autonomia cultural" nas Artes Plásticas, na arquitetura, no conjunto da "obra barroca mineira", constituindo um excepcional surto de criatividade de artistas, mestres e artesãos, libertando-a dos cânones estéticos importados da Europa. Com o objetivo de mostrar as cidades históricas mineiras e seu esplendor artístico e cultural, Mário organiza, em 1924, a famosa caravana de modernistas a Minas, que assiste a Semana Santa de São João del-Rei, vai a Tiradentes e Ouro Preto. Integraram a caravana Oswald de Andrade, Godofredo da Silva Telles, René Thiollier, Tarsila do Amaral, Olívia Guedes Penteado e o poeta de origem suíça em visita ao Brasil, Blaise Cendrars. E dirão que encontraram no século XVIII mineiro o "lastro cultural de uma identidade nacional".

Já em 1920, Mário publica na revista *Jornal do Brasil* o ensaio "Arte religiosa do Brasil em Minas Gerais", em que aborda a arte encontrada em Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo e São João Del-Rei. E diz que "na arquitetura religiosa de Minas a orientação barroca – que é amor à linha curva, aos elementos contorcidos e inesperados – passa da decoração para o próprio plano do edifício. Aí os elementos decorativos não residem só na decoração posterior mas também no risco e projeção das fachadas, no perfil das colunas, na forma das naves". Em 1928, escreverá sobre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho e sua obra, dando-lhes dimensão cultural excepcional, promovendo o início da divulgação do seu nome. Outros integrantes da caravana publicam trabalhos sobre a arte barroca mineira, despertando o interesse sobre Minas e motivando várias viagens de estudo às cidades históricas.

O mineiro Gustavo Capanema tornou-se, em 1934, ministro da Educação de Getúlio Vargas. O poeta Carlos Drummond de Andrade, um dos líderes do Movimento Modernista mineiro, neste mesmo ano, muda-se para o Rio e ocupa a chefia de Gabinete de Capanema. Em 1935, Mário de Andrade, a pedido de Capanema, apresenta o anteprojeto do Decreto Lei 25, elaborado em sua redação final por outro modernista mineiro, Rodrigo Melo Franco de Andrade. O documento de Mário propõe a proteção do patrimônio cultural brasileiro e orienta a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, que ocorre a 30 de novembro de 1937, por ato do presidente Getúlio Vargas. Com inspiração modernista, o patrimônio histórico e artístico nacional passa a ser definido como o "conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja preservação seja de interesse público, seja por sua vinculação a fatos memoráveis da História do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico". O Movimento Modernista, incentivado também pelo centenário da Independência, em 1922, estimula o sentimento nacionalista e refirma a necessidade de o Brasil adquirir uma verdadeira autonomia cultural.

É tardio o despertar da consciência preservacionista brasileira em relação ao patrimônio histórico e artístico edificado. É a principal contribuição da Semana de Arte Moderna de 1922 e que se concretiza com o SPHAN a partir de 1937. Para realizar os tombamentos, a equipe do SPHAN pesquisará em todo o Brasil, começando pelas cidades e igrejas históricas mineiras, onde encontrará as "raízes de uma cultura brasileira original", e com "uma originalidade nacional", diferenciada da encontrada nos estados do litoral, bem anteriores ao surto artístico mineiro e tipicamente portuguesas. Mário e seus seguidores dedicaram-se, e especialmente os técnicos da então SPHAN, a buscar explicações para este fenômeno, que ocorre nos primórdios da sociedade mineira setecentista, como herança de uma rápida e conflitiva ocupação territorial provocada pela busca do ouro, do modelo de urbanização e um novo tipo de sociedade, a religião opressora da Contrarreforma e a atuação mais livre das ordens religiosas, as restrições opressivas do governo colonial português, os anseios de libertação e de liberdade, manifestos por uma constante rebeldia, e a consequente formação de consciência crítica decorrente da formação de uma elite que conhece a Ilustração e o Iluminismo que se alastram na Europa nos anos finais do século XVIII. Forma-se, nas cidades históricas de Minas, "uma sociedade de pensamento", que fala em independência e em república. Aponta-se ainda o surgimento de uma nova classe social, os mulatos brasileiros, de reconhecido pendor artístico, herança de sua condição social e racial.

Mário de Andrade dirá ("Arte Religiosa do Brasil em Minas Gerais") que "foi neste meio oscilante de inconstâncias – a Minas Gerais setecentista – que se desenvolveu a mais característica arte religiosa do Brasil. A Igreja pode aí, mais liberta das influências de Portugal, proteger um estilo mais uniforme, mais original que os que abrolhavam podados, áulicos, sem opinião, nos outros centros". E conclui: "As igrejas construídas por portugueses mais aclimatados ou por autóctones algumas, provavelmente como o Aleijadinho, desconhecendo o Rio e a Bahia, tomaram um caráter bem mais determinado e, poderíamos dizer, muito mais nacional." Mário ressaltará a "opulência mineira no século XVIII" e a "carência paulista de bens históricos".

O SPHAN descobre e relata trabalhos de grandes artistas do período, além de Aleijadinho (Antônio Francisco Lisboa, que vive de 1737/38 a 1814), entre eles Francisco Xavier de Brito, José Coelho Noronha, Francisco de Faria Xavier, Francisco de Lima Cerqueira, escultores e entalhadores, o arquiteto e pedreiro Manoel Francisco Lisboa, o pintor Manoel da Costa Athayde e muitos outros. Mas Minas desenvolvera outros expoentes culturais, resultado da libertação intelectual, na literatura, na música e, já no final do século XVIII, no pensamento político iluminista, que leva à Conjuração de 1789, antecipatória do pensamento de república e da independência, alcançada em 1822.

Será em Minas que a equipe técnica do SPHAN fundamentará critérios e soluções para intervenções preservacionistas e de restauração, nos elementos artísticos e estruturais das igrejas e construções mineiras coloniais. E realizará pesquisas históricas e avalições estéticas para os processos de tombamento de edificações e seus acervos, nas fontes documentais, livros das associações religiosas, irmandades e confrarias, câmaras municipais. E irá expandir extraordinariamente o conhecimento do processo histórico e das condições e fatores propiciadores do surto de criatividade artística e cultural do século XVIII mineiro. Pesquisa-se também os artistas mineiros, mestres pedreiros, construtores, escultores, pintores, ornamentistas, entalhadores, carpinteiros. Como também as origens estilísticas e as fases, transplantadas para Minas Gerais inicialmente por artistas portugueses, sob influência da Igreja Católica. Apuram-se as técnicas de intervenção e restauro, critérios de aprovação de projetos, a busca de soluções não desfigurativas do sistema construtivo, sempre objetos de muitos debates que envolviam não só os técnicos do SPHAN, mas também estudiosos da cultura brasileira e do fenômeno artístico e cultural mineiro.

Lourival Gomes Machado, estudioso do Barroco Mineiro, autor desta denominação, diz que "em Minas, no século XVIII, manifestou-se artisticamente, pela primeira vez, uma autêntica cultura brasileira", com criatividade e expressões libertas dos estritos cânones importados da arte europeia. Estudos e interpretações mais recentes indicam que ocorreu nas cidades históricas mineiras, especialmente na antiga Vila Rica, "a terceira onda civilizatória das Américas, a primeira no México, com os astecas, na Península do Yucatane, a segunda, no Peru, em Lima, pelos incas, que foi sede do vice-reinado espanhol na América, complementadas pela cultura espanhola. O fenômeno mineiro possui similaridades com os outros: concorrem em Minas fatores como a povoação rápida e conflituosa pelo ouro, em ação pioneira na ocupação do interior do Brasil-Colônia, o insulamento geográfico em meio inóspito, os conflitos constantes pelo domínio territorial e resistência ao jugo português, o caráter ostentatório do barroco da Contrarreforma católica, conformando um caldeamento de condicionantes naturais e humanos. Serão estes condicionantes singulares de Minas Gerais que produzirão, já no século XVIII, também obras de literatura, música, arquitetura, pintura, escultura e, até nossos dias, a diversidade e a riqueza das artes das boas práticas do bem viver nos diversos ramos da cultura popular e folclórica, como a famosa culinária e o artesanato.

Já em 1733, na inauguração da Matriz do Pilar, em Vila Rica, a procissão de trasladação do Santíssimo, chamada de "Triunfo Eucarístico", revela uma sociedade irrequieta, mas com gosto pelo suntuoso, pela ostentação e pelas exterioridades triunfalistas, típicas do estilo barroco da Contrarreforma, com que o catolicismo contrarreformista, aliado do Absolutismo, procura vencer o protestantismo e a descrença que já nasce com o iluminismo, que alimenta os embates entre a fé e a razão. Nos ornatos das igrejas, nos púlpitos e altares, nas esculturas ornamentais mas, e sobretudo, nas festas das irmandades e festivas procissões, que revela-se o barroquismo, que se torna "estilo de arte e de vida", como nos descreve Affonso Ávila, mestre da decifração do Barroco Mineiro. Comprovam a "rebeldia" de uma sociedade nascente, praticando uma autonomia artística, em meio ao sentimento de liberdade e de autonomia.

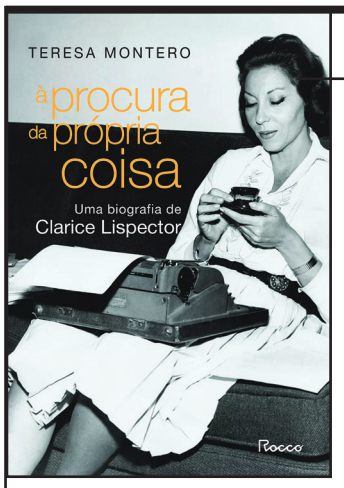
Dá-se o "abrasileiramento" da produção artística, emancipatória nos seus partidos arquitetônicos, nos ornatos e soluções plásticas, nos elementos escultóricos, libertando-se do estilo jesuítico e do barroco Ibérico, com a presença dos primeiros "filhos da terra", já libertos da escravidão, dedicados às profissões artesanais, em que demonstram excepcionais talentos. Expressão maior é Antônio Francisco Lisboa, o "Aleijadinho", que nasce de pai português e escrava negra, e que elevará a arte mineira a reconhecimento mundial. Em São Francisco de Ouro Preto, Aleijadinho marcará seu "estilo de passagem', do Barroco para o Rococó. Para Mario de Andrade, "na arquitetura religiosa de Minas, a orientação barroca – que é o amor à linha curva, nos elementos contorcidos e inesperados – passa da decoração para o próprio plano do edifício. Aí os elementos decorativos não residem apenas na decoração posterior mas também no risco e projeção das fachadas, no perfil das colunas, na forma das naves".

Enfim, são considerações resumidas do fenômeno histórico, artístico e cultural mineiro, exaltadas pelo Movimento Modernista que, em fevereiro de 2022, comemora 100 anos da Semana de Arte Moderna e que Minas precisa reverenciar e exaltar.

*Mauro Werkema é jornalista e escritor mineiro.

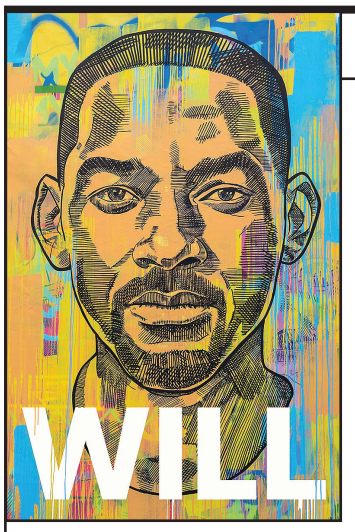
JL Novos Lançamentos

bethalmeida23@gmail.com



Sempre Clarice

À Procura da Própria Coisa: Uma biografia de Clarice Lispector (Editora Rocco) é fruto da edição revista e aumentada de *Eu Sou uma Pergunta* (Rocco, 1999) somada a três décadas de pesquisas da professora Teresa Montero. Entre o expressivo material inédito de natureza documental e iconográfica, cumpre destacar raridades: a única entrevista de Clarice Lispector em seu apartamento no Leme, filmada pela TVE e conduzida por Araken Távora para o programa *Os Mágicos* (em 1976); e as fichas de Clarice registradas pela Polícia Política entre 1950 e 1973, garimpadas no APERJ e no Arquivo Nacional. Estas revelam novos aspectos de sua participação nos movimentos contra a ditadura militar no Brasil. Por outro lado, a trajetória literária de Clarice Lispector ganha nova luz, em particular com o relato detalhado de sua última viagem ao Recife (também documentada em imagens inéditas), material que oferece reflexões sobre a composição de sua obra mais popular, *A Hora da Estrela*. Os bastidores da criação de *A Paixão Segundo G.H.* e *Água Viva*, somados à faceta da escritora como crítica literária na revista *Senhor*, são outras preciosidades reveladas neste volume. Livro que mostra a construção de uma biografia como resultado de um trabalho coletivo, Teresa Montero destaca a importância dos arquivos públicos e dos pesquisadores na preservação do patrimônio cultural e do legado clariceano. Ela apresenta Clarice como uma mulher cuja obra serve de base para se poder mais profundamente sentir e pensar. Teresa Montero é, sem dúvida alguma, uma das maiores especialistas na vida (e também na obra) de Clarice Lispector.

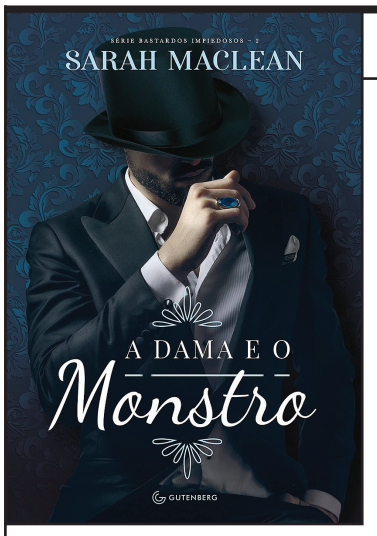


Inspiração

Em *Will,* (Editora Best Sellers) uma das maiores personalidades do entretenimento se abre em uma biografia corajosa e inspiradora sobre sucesso, felicidade e conexão humana. Ao longo da narrativa, Will Smith descreve em detalhes uma das jornadas mais incríveis já vividas no mundo da música e do cinema. O processo de transformação de Will Smith de um jovem do oeste da Filadélfia a um dos maiores astros do rap de sua geração e, posteriormente, um dos nomes mais conhecidos de Hollywood é uma narrativa épica – mas é apenas parte da história. Will pensava, com razão, que tinha vencido na loteria a vida: ele alcançara o estrelato e toda a sua família fazia parte do mais alto escalão do mundo do entretenimento. Mas não era bem assim que eles percebiam as coisas. A esposa e os filhos se sentiam atrações no espetáculo de Will, um trabalho em tempo integral para o qual não tinham se candidatado. A verdade era que a jornada de aprendizado de Will Smith ainda não havia chegado ao fim. Escrito em colaboração com Mark Manson, autor do best-seller mundial *A Sutil Arte de Ligar o F*da-se*, Will conta a história de alguém que conseguiu tomar as rédeas das próprias emoções de uma forma que pode inspirar todos a fazerem o mesmo. Poucas pessoas terão a experiência de se apresentar nos maiores palcos do mundo, mas todas são capazes de entender que o combustível que guia experiências como essa pode ser diferente daquele que nos move no caminho para casa. Com dois encartes de 16 páginas de fotos inéditas do arquivo pessoal do autor.

Origem do futebol

Mario Prata comemora sessenta anos de carreira em um divertido romance sobre o mito de origem do esporte mais amado do Brasil. *O Drible da Vaca* (Editora Record) combina imaginação livre e pesquisa profunda, inspiração e transpiração. O resultado é um gol de placa, que diverte e surpreende a todos. O que você sabe sobre a origem do futebol? Inventado pelos ingleses, o que o liga a chineses e florentinos? Como se calcula o tamanho do gol, quem teve a brilhante ideia de usar a bola, como foram criadas as regras fundamentais do esporte mais popular do mundo? E afinal, o que a sala de maconha – que existe mesmo no Palácio de Buckingham! – tem a ver com essa história? Para contá-la, trocando passes entre o real e o imaginário, mesclando personagens históricos e fictícios em improváveis tabelinhas, Mario Prata nos transporta para a Universidade de Cambridge, na Inglaterra de 1859, usando como narrador um tal John H. Watson – ainda apenas um professor de Educação Física, mas que anos depois ficaria mundialmente conhecido como o futuro parceiro de Sherlock Holmes. Revelando detalhes sobre os primórdios do futebol que nem os britânicos conhecem, e turbinando-os com privilegiado senso de humor, "O livro é genial. Só tem um defeito: não fui eu que escrevi!" – Jô Soares; "Um barato o livro, uma delícia! Tem apelo em vários sentidos. Sarah, a protagonista feminina, rouba a cena, e não é a bola." – Pedro Bial; "Espetacular! Incrível o trabalho de pesquisa! E a parte em que o autor viaja na ficção é maravilhosa." – Reginaldo Leme; "Impossível sair indiferente, se não estupefato, da leitura deste livro: uma goleada literária como faz tempo não se via pelos gramados do mundo." – Juca Kfouri.



Quatro fases

A Dama e o Monstro (Editora Gutemberg), de Sarah Maclean, é uma narrativa descontraída com personagens irreverentes, onde a autora propõe importantes reflexões acerca do papel da mulher na sociedade. Prestes a completar 29 anos, Lady Henrietta Sedley, a Hattie, é considerada uma solteirona para sua época. Longe de se incomodar com esse rótulo, ela está determinada a fazer deste "o ano de Hattie". Seu plano tem quatro fases e o casamento não é uma delas. O que deseja é ser bem-sucedida nos negócios, ter uma casa, construir fortuna e um futuro tranquilo. O primeiro passo para atingir seus objetivos será perder a virgindade, garantindo assim a impossibilidade de se casar. Para isso, ela e sua melhor amiga, Nora, decidem ir para um bordel de luxo que atende mulheres. Tudo muito prático, não fosse o detalhe de encontrar um homem absolutamente lindo, inconsciente e amarrado dentro de sua carruagem. Assim começa a história de Hattie e Whit, mais conhecido como "Beast", o Monstro, por sua fama de galã. Prontas para uma verdadeira batalha de inteligência e sedução? Sarah vive em Nova York com o marido, a filha, o cachorro e uma coleção gigantesca de romances. A autora é colunista no jornal americano *The Washington Post*, e suas colunas têm aparecido no *The New York Times*, *Book Reviews* e *Parents Magazine*. Ela também é defensora das questões relativas à educação e à alfabetização. Quando não está escrevendo, Sarah viaja pelo país para discutir sua posição nos estudos culturais e do gênero.

Perspectiva original

Os Bridgertons – Um amor de família (Editora Arqueiro) é uma exuberante coletânea – com introdução de Julia Quinn e projeto gráfico especial – reúne citações de lady Whistledown e as passagens mais inesquecíveis do universo dos Bridgertons, a família que deu origem à aclamada série da Netflix. Lady Whistledown acompanhará você pelos episódios mais dramáticos, românticos e divertidos vividos pelos integrantes do mundo criado por Julia Quinn. É um presente perfeito para os fãs tanto dos livros quanto da série adaptada pela Shondaland. Cada capítulo tem um protagonista diferente e inclui uma apresentação inédita de lady Whistledown, assim como citações do próprio personagem e comentários que outros personagens fizeram sobre ele ao longo de todos os romances da coleção, oferecendo uma visão completa dos membros mais queridos desse elenco formidável. De Daphne a Simon, passando por Anthony, Penelope, Colin, Eloise e a adorada matriarca Violet, este livro mostra os Bridgertons de uma perspectiva original e intimista. Você terá a oportunidade de reviver as histórias e seguir (ou não) os conselhos dos seus personagens preferidos sobre relacionamento, família, etiqueta e moda. Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já passaram da marca de 15 milhões de exemplares vendidos, sendo mais de 2 milhões no Brasil. Seus romances já foram traduzidos para 37 idiomas.

Universo feminino

"A vida é um colar. Eu dou o fio, as mulheres dão as missangas. São sempre tantas as missangas." É assim que o donjuanesco personagem do conto *O Fio e as Missangas* define a sua existência. Fazendo jus a essa delicada metáfora, cada uma das 29 histórias aqui agrupadas alia sua carga poética singular à forma abrangente do livro como um todo – vale dizer, ao colar em questão. Com um texto de intensidade ficcional e condensação formal raras na literatura contemporânea, Mia Couto demora-se em lirismos que a sua maestria de ourives da língua consegue extrair de uma escrita simples, calcada em grande parte na fala do homem da sua terra, Moçambique, um pouco à maneira de Guimarães Rosa, ídolo confesso do autor. A brevidade das pequenas tramas e sua aparente desimportância épica estão focadas na contemplação de situações, de personagens, ou simples estados de espírito plenos de significados implícitos, procedimento típico da poesia. Os neologismos do autor, a que os leitores já se habituaram, para além de mera experimentação formalista revelam-se chaves fundamentais de interpretação da leitura. Não por acaso, a maioria dos contos de *O Fio das Missangas* adentram com fina sensibilidade o universo feminino, dando voz e tessitura a almas condenadas à não-existência, ao esquecimento. Como objetos descartados, uma vez esgotado seu valor de uso, as mulheres são aqui equiparadas ora a uma saia velha, ora a um cesto de comida, ora, justamente, a um fio de missangas. *Fio das Missangas,* de Mia Couto, sai sob a égide da Companhia das Letras.

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

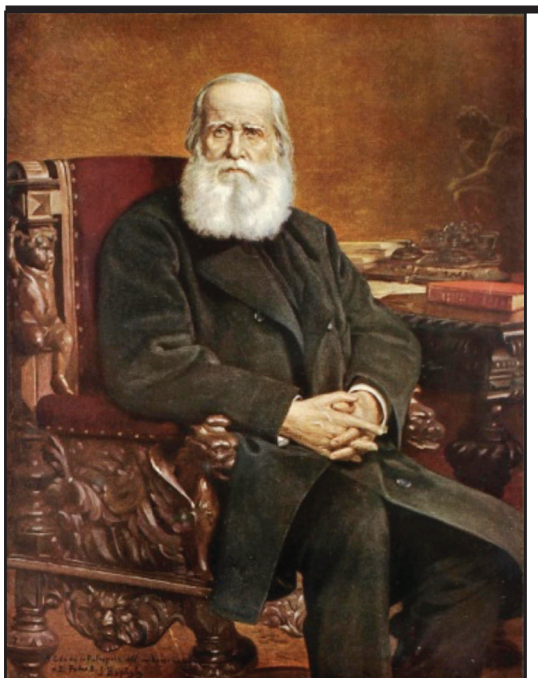
O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

Tempo – O senhor das ações

Por José Carlos Gentilli*



Quadro de Dom Pedro II, exilado em França, em 1891. (Acervo do Museu Imperial em Petrópolis).

Parece que foi antigamente, mas foi ontem, em 1891, data de seu ritual fúnebre, pois a esteira do tempo metamorfoseia valores éticos, a tornar vil a cultura e a memória, que se esvaem pelos escaninhos do esquecimento societário.

A ralé da República das Alagoas – até parece uma sina –, de cores florianísticas e deodorenses, que vicejam até hoje, emerge sob o manto republicano, a valorar o desdém pela tradição e pelos processos educativos de qualidade. Quadro de Dom Pedro II, exilado em França, em 1891. (Acervo do Museu Imperial em Petrópolis).

Registram-se 132 anos do exílio imposto ao monarca D. Pedro II, embarcado às pressas no navio Alagoas, em 17 de novembro de 1889, rumo à Europa, a fim de a República poder locupletar-se com o processo mandamental.

Relembra Arnaldo Niskier, um dos expoentes do ensino brasileiro, que o jovem monarca, em 01 de janeiro de 1843, numa de suas Falas do Trono, foi imperativo ao afirmar: "Nasci para consagrar-me às letras e às ciências."

Afinal, D. Pedro II falava português, alemão, inglês e francês; estudara sânscrito, latim e grego; cursara Humanidades e tivera professores intelectualmente multifacetados.

Seu pai e antecessor, D. Pedro I, mais tarde D. Pedro IV, em Portugal, já em 1824, propusera a criação de escolas de primeiras letras em todos os vilarejos da nação brasileira com a garantia de ensino gratuito, aspiração jamais alcançada.

A visão humanística de D. Pedro II acompanhou-o até nas reuniões noturnas a bordo do Alagoas, fruto de sua extraordinária erudição, quando falava acerca da educação no Brasil, resquício de seu aprendizado junto ao seu tutor José Bonifácio de Andrada e Silva, à sua aia Mariana de Verna (Condessa de Belmonte e verdadeira mãe de criação) e ao negro Rafael, veterano da Guerra Cisplatina, amigos fidedignos de Pedro I, e que forjaram e aprimoraram a gigantesca vocação educacional do órfão.

Ao olhar o continente Brasil pelo calidoscópio da temporaneidade, constata-se que a educação nacional regrediu com relação aos patamares de adequação às realidades tecnológicas e desenvolvimentistas do mundo moderno.

Uma minoria seleta estudava Medicina em Montpelier, na França; outra falange era encaminhada à Universidade de Coimbra, a fim de aprender o universo do Direito. Os seminários, verdadeiras forjas humanísticas, a feitio do Seminário de Olinda, começaram a declinar, até nossos dias, gerando uma diminuição dos corpos docentes com qualidade.

O bacharelismo inócuo, voltado aos mestrados, doutorados e pós-doutorados de meandros filosóficos e similares, de inconteste ausência de efetividade laboral e tecnicista, tem seus licenciados a medrarem pelas ruas à busca de empregos, senão pela luta de um serviço público caótico e defasado da realidade trabalhista de um mundo em convulsão.

A atividade de Uber e congêneres, específicas de motoristas e motociclistas, são ocupadas por advogados, filósofos, bacharéis de cursos aleatórios, sem perspectivas de ganho rentável. A educação no Brasil está defasada há um século da realidade mundial, e permanece à busca de cabides de emprego no caótico serviço público, onde a meritocracia não é valorizada.

A repetência é considerada inaplicável, a gerar bacharéis de duvidosa qualificação e a inverter o vértice piramidal do valor do ensino, inclusive para ingresso na Suprema Corte, em que são necessários notável saber jurídico e ilibada vida pregressa.

Muitas universidades não deveriam ser fabriquetas de diplomas!

A Alemanha crê em institutos federais, em *think thanks*, em centros de excelência da gnose humana, voltadas a qualificar mão de obra consentânea com a inteligência artificial.

O Programa Internacional de Avaliação de Ensino – PISA, inserto na OCDE, colocou o Brasil na 5ª posição do ranking mundial de leitura no âmbito das escolas particulares, enquanto as escolas públicas ficaram na 65ª posição, entre 79 países avaliados. Vivemos dias pandêmicos e irreais, à mercê do incognoscível!

*José Carlos Gentili é jornalista.

Quando choveu dinheiro

Por Jonas Rabinovitch*

Um dia começou a chover dinheiro. Como sempre acontecia, os especialistas mais especializados foram convocados. Economistas, meteorologistas e motoristas de taxi criaram um Comitê Interdisciplinar para analisar e solucionar o problema. Eles tinham que agir rápido.

A primeira chuva de dinheiro pegou todo mundo desprevenido. Numa quinta-feira de manhã de céu nublado, notas e moedas começaram a cair do céu. Como sempre acontecia, os repórteres reportaram o óbvio. O Ministro de Finanças foi imediatamente entrevistado.

– "Ministro, por que está chovendo dinheiro? O que o senhor vai fazer?"

O Ministro respondeu sem hesitação:

– "Vamos imediatamente convocar um Comitê Interdisciplinar de Economistas, Meteorologistas e Motoristas de Taxi para analisar e solucionar o problema".

– "Mas, Ministro, chuva de dinheiro é problema ou é solução?"

– "Ah...minha filha, desculpe, mas estamos muito ocupados agora para dar atenção a essas questões filosóficas", respondeu o sisudo Ministro de forma muito séria.

Por sua vez, a população estava muito ocupada juntando panelas, bacias, cumbucas, pratos fundos, banheiras de bebe, lençóis, plásticos, cuias, e outros receptáculos e continentes de todas as formas, materiais e cores. O negócio era acumular capital da forma mais eficiente possível.

Não é preciso ser economista, meteorologista ou motorista de taxi para prever o que aconteceu em seguida: aquela injeção inesperada de recursos incentivou o consumo de forma espetacular. Coisas estranhas começaram a acontecer. Os estoques de receptáculos e continentes se esgotou nas lojas. Ruas e calçadas foram tomadas por panelas, bacias, cumbucas, pratos fundos, banheiras de bebe, e afins. Cada metro quadrado de área sem teto era disputado ferozmente. Ninguém foi trabalhar. Para que trabalhar se chovia dinheiro?

Os jornais e revistas que prometiam explicações para o fenômeno se esgotaram. Os jornais e revistas que questionavam as explicações se esgotaram. Os mais eminentes economistas, meteorologistas e motoristas de taxi foram convidados para comentar o fenômeno em todos os programas na TV.

Como sempre acontecia, chovia de vez em quando. As chuvas eram aguardadas com alegre ansiedade e entusiasmo. E eram seguidas por ondas frenéticas de consumo. Como sempre acontecia, o ministro das Finanças era chamado para falar sobre produtividade, balança comercial, taxas de juros, crescimento econômico, flutuações cambiais, empregos, mas ninguém prestava a menor atenção.

Com o tempo, coisas mais estranhas ainda começaram a acontecer. As ações das fábricas de receptáculos e continentes dispararam na Bolsa de Valores. Isso foi antes da Bolsa de Valores fechar.

Depois que a Bolsa de Valores fechou, algumas pessoas começaram a questionar sua própria noção de valores.

Uns achavam que o dinheiro se tornava cada vez menos importante. Outros sugeriram utilizar os próprios recipientes como moeda, como tinham feito com cuias no Haiti em 1812.

O tempo tem um jeito mágico para lidar com coisas estranhas, tornando-as normais. Como dinheiro caía do céu, alguns se tornaram intensamente espirituais, valorizando ideias como paixão, amor, família, amigos, crianças e filhotes de gatos e cachorros.

Outros bradavam pela socialização dos receptáculos e continentes, sem explicar como o produto das chuvas seria dividido. Outros planejaram em beneficio próprio enormes esquemas industriais para coleta, distribuição e troca das abençoadas chuvas monetárias, alegando "justiça social".

O tempo não parava de passar ameaçando uma nova rotina de alegrias seguidas por certo desespero. Os estoques de comida ficavam raros, os frutos apodreciam nas árvores, o lixo se acumulava, era difícil circular pelas ruas entre tantos receptáculos...

Um dia começou a chover água. Especialistas foram convocados. Economistas, meteorologistas e motoristas de táxi criaram um Comitê Interdisciplinar para analisar e solucionar o problema.

A primeira chuva de água pegou todo mundo desprevenido. Numa quinta-feira de manhã de céu nublado, gotas de água começaram a cair do céu. Como sempre acontecia, os repórteres reportaram o óbvio. O ministro de Economia foi imediatamente entrevistado.

– Ministro, chuva de água é problema ou é solução?

– Ah... Minha filha, desculpe, mas estamos muito ocupados agora para dar atenção a essas questões filosóficas.

Enfim, o tempo normalizou tudo. O valor de receptáculos e continentes começou a cair. A Bolsa de Valores abriu suas portas. Cada um recomeçou a captar dentro de seu próprio continente suas noções de valores.

Ou não.

Enquanto isso, lá fora, começava a chover...

*Jonas Rabinovitch é arquiteto urbanista e Conselheiro Sênior da ONU em Nova York para Inovação e Gestão Pública.

Chamando Bom Jesus da Lapa

Por José Sarney*

Eu era governador do Maranhão e costumava viajar frequentemente ao interior do Estado. Muitas vezes, íamos também a outros Estados: a Boa Esperança, no Piauí, onde se construía a hidrelétrica; a Recife, sede da Sudene, onde, permanentemente, tínhamos assuntos a tratar sobre a Usina Hidrelétrica de Boa Esperança.

Um dia, saímos de São Luís para irmos a Minas Gerais, onde seria realizada uma reunião do conselho da Sudene, no avião Beechcraft que o Estado possuía. O piloto, que se chamava Ribamar, contava com uma experiência muito grande: fora piloto da Vasp, tinha 15 mil horas de voo. Fomos de São Luís a Boa Esperança e, em seguida, nosso destino era Montes Claros.

O voo seria longo, com umas quatro horas de duração. Saímos de Boa Esperança às 10 horas da manhã. Eu pedi a Ribamar que sobrevoássemos as nascentes do rio Parnaíba, que estavam bem à nossa frente, para vermos os rios Água Quente, Curriola e Lontra, formadores da Bacia do Parnaíba.

Com isso, nós nos desviamos da rota. Naquele tempo, só existiam, para orientar a navegação aérea, o radiogoniômetro e a bússola.

Nossa rota passava por Bom Jesus da Lapa. A verdade é que, com o desvio de rota, nós nos perdemos. Havia muita fumaça – já naquele tempo as queimadas corriam soltas –, e o avião jogava muito. Não víamos quase nada. O Ribamar chamava a rádio de Bom Jesus da Lapa – a única cidade que existia com campo de aviação e apoio de rádio naquela área.

Mais de meia hora se passara, e eu só ouvia o Ribamar chamando:

– Chamando Bom Jesus da Lapa! Chamando Bom Jesus da Lapa! Chamando Bom Jesus da Lapa! Chamando Bom Jesus da Lapa!

E eu repetindo, em oração:

– Bom Jesus da Lapa, nos oriente! Bom Jesus da Lapa, nos oriente! Bom Jesus da Lapa, nos oriente! Bom Jesus da Lapa, nos oriente!

De repente, comecei a ficar mais nervoso e perguntei ao Ribamar:

– Ribamar, onde nós estamos?

Ele bateu com as mãos, como a descartar qualquer informação, e disse:

– Governador, eu não sei!

Então, continuamos a nossa peregrinação chamando por Bom Jesus da Lapa. E nada de Bom Jesus da Lapa aparecer.

Até que o Senhor Bom Jesus da Lapa respondeu: depois de umas três horas de voo, ouvimos uma estação de rádio de Bom Jesus da Lapa.

Voamos em direção a Bom Jesus da Lapa, orientados por uma estação de rádio *broadcasting*, e não pela torre de aeroporto.

Finalmente, pousamos em Bom Jesus. A primeira coisa que fiz, em terra, foi me dirigir a um pequeno botequim do aeroporto e perguntar:

– O senhor tem uma marmelada aí?

– Não. Tenho doce de leite.

– Então me dê uma xícara bem cheia para que o açúcar possa compensar a adrenalina que perdi com medo de que Bom Jesus da Lapa não aparecesse.

---

*O ex-presidente José Sarney ocupa a cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Letras.

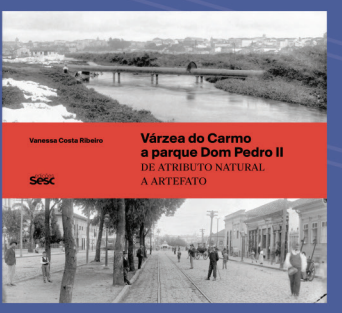
SÃO PAULO EM LIVROS

COLEÇÃO ARQUITETOS DA CIDADE: SIAA

Francesco Perrotta-Bosh (org.)

Editora Escola da Cidade e Edições Sesc

Primeiro livro a reunir o trabalho do SIAA, um coletivo jovem de arquitetura com destaque no cenário nacional e internacional. Conta com colaborações de Guilherme Wisnik e Eduardo de Almeida, além de entrevista com Cesar Shundi Iwamizu e Eduardo Gurian, que coordenam o escritório.



EM BREVE

VÁRZEA DO CARMO A PARQUE DOM PEDRO II de atributo natural a artefato

Vanessa Costa Ribeiro

Com base na análise de representações visuais da várzea do Carmo, este livro trata das transformações urbanas dessa região que conhecemos hoje como parque Dom Pedro II, relatando o entorno, as pessoas, a infraestrutura, a ocupação do espaço e o comércio que ali existia entre as décadas de 1890 e 1950.

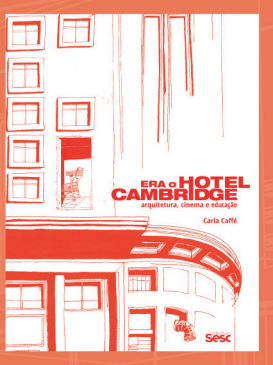
A PIRÂMIDE DO PIQUES
São Paulo narrada pelo Largo da Memória
Gustavo Piqueira

MERCADOS E FEIRAS LIVRES EM SÃO PAULO (1867-1933)
Francis Manzoni

CARLOS MOREIRA – SÃO PAULO
Rosely Nakagawa (Org.)
Edições Sesc São Paulo e Editora Tempo d'Imagem

MEMÓRIA DA AMNÉSIA
políticas do esquecimento
Giselle Beiguelman

CIDADELA DA LIBERDADE
Lina Bo Bardi e o Sesc Pompeia
André Wainer e
Marcelo Ferraz (org.)



ERA O HOTEL CAMBRIDGE
arquitetura, cinema e educação
Carla Caffé